

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Vidas plurais, consumos iguais.**  
**(Des)construção Social da Feminilidade e Percursos de**  
**Consumo e Reclusão no Feminino**

**Mariana de Sousa Pereira**

Novembro, 2016

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, com orientação da Professora Doutora **Sara I. Magalhães** (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho contribuiu, não só para a minha formação académica, como também para o meu crescimento pessoal. Com isto, o papel cooperativo de algumas pessoas foi fundamental e, por isso, não posso deixar de agradecer:

À professora Sara Magalhães, por ter sido uma orientadora preocupada, atenta, e acima de tudo, disponível. Por nunca ter desconsiderado as minhas preocupações e medos, tentando sempre fazer-me sentir mais segura. Agradeço pelo exemplo de profissionalismo e de dedicação.

Às mulheres que participaram neste estudo, pela partilha sincera das suas vivências e experiências, que não só contribuíram para o meu trabalho académico, como também para a minha formação pessoal.

Ao Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Feminino por me acolher e mostrar a realidade da instituição, por me permitir uma experiência enriquecedora, enquanto pessoa e estudante de psicologia, pelo apoio e disponibilidade de todos os profissionais do estabelecimento.

Aos meus pais pelo esforço e sacrifício feito. Pelas horas de trabalho a mais, pelos raspanetes e por serem chatos (muito chatos). Tudo isso proporcionou estes maravilhosos últimos anos, conseguindo sempre tirar o melhor partido. Nunca poderei agradecer o esforço que fazem por mim.

À Tubarona, por seres a minha melhor amiga e conseguires sempre alegrar os meus dias de desespero. Que o teu apoio nunca me falte e que a nossa amizade dure para sempre.

À Jó, por me aturar desde sempre, por ser umas das minhas amigas de longa data em que posso sempre confiar. És uma das melhores pessoas que conheço e agradeço toda a tua preocupação, sem a qual não teria concluído este trabalho.

À Carolina, à Maria, à Raquel, à Paula, à Sandra e à Joana, por me ensinarem nestes 5 anos a ser feliz e a conseguir ter amigos (verdadeiros). Que estes anos nunca nos tirem e que venham mais 5, 10, 20 (...) ao vosso lado. Sem vocês nada disto teria sido conseguido. Um genuíno obrigada.

Ao Francisco, ao Rui e ao Paulo por serem os “gajos mais fixes” que conheço. Obrigado por me saberem sempre apoiar e fazer rir. Foram essenciais durante estes 5 anos e nos que estão para vir.

A todos os que iniciam a leitura desta dissertação, pelo interesse que demonstram por esta temática.

## **Resumo**

Partindo duma reflexão crítica sobre a construção social do "género" e da "toxicodependência", procuramos enriquecer o conhecimento sobre as trajetórias das mulheres que usam e abusam de drogas. Para isso, abordamos as diferentes áreas da vida que se entrecruzam com a sua experiência de drogas, e damos particular relevo às significações da toxicodependência. O objetivo da investigação é, portanto, compreender os significados dos consumos para a mulher e o modo como os constrangimentos de género se espelham nesses significados.

Com base num guião, previamente elaborado, realizámos entrevistas de histórias de vida a sete mulheres, com vista a obter relatos significativos sobre as suas trajetórias de consumo de heroína/cocaína. As mulheres toxicodependentes que entrevistámos encontravam-se numa fase de reclusão e sobriedade e, é sobre as suas narrativas, que desenvolvemos um processo de análise temática.

Das várias conclusões da investigação, enfatizamos que, para além da grande influência dos outros na trajetória de consumos da mulher, emergem, da experiência de drogas, significações existenciais alternativas ao estereótipo associado à mulher. Numa primeira fase, a experiência de drogas constitui-se como um espaço de fuga aos constrangimentos de género, dominantes na trajetória de vida da mulher no mundo convencional. Abordamos as várias dimensões afetadas pelo género e pela trajetória de consumos como a família e relações de intimidade, a escola e educação formal, o trabalho e emprego, a saúde e bem-estar, e mesmo questões que se prendem com o seu desenvolvimento e inclusão social. Por fim, há indicadores de que a mulher, de acordo com a vivência do "mundo das drogas", parece ter criado condições para a (re)autoria de alternativas da sua vida menos condicionadas pelo "género" e pela "droga".

**Conceitos Chave:** Mulher, Feminino, Toxicodependência, Teoria Social de Género

## **Abstract**

Starting from a critical reflection on the social construction of "gender" and "addiction", we seek to enrich the knowledge of the trajectories of women who use and abuse drugs. Therefore, we address the different areas of life that are mingled with their drug experience, and with particular emphasis on drug connotations. This research aims at understanding the meaning of consumption for women and how gender restrictions are mirrored in these meanings.

Based on a script, previously prepared, we conducted life story interviews on seven women, in order to obtain meaningful reports on their consumption paths of heroin / cocaine. The drug users interviewed were women who were at a phase of imprisonment and drug withdrawal. And, it is based on their narratives that we have developed our thematic analysis.

Of the several research findings, we emphasize that, besides the great influence of other people in women's consumption, there are also some existential alternative meanings associated to the female stereotype emerging from the drug experience. Initially, the drug experience was considered an escape to gender constraints, dominant in the trajectory of life of women in the conventional world. We address the various dimensions affected by gender, and the consumption trajectories, such as family and intimate relationships, school and formal education, labor and employment, health and welfare, and even issues that relate to their development and social inclusion. Finally, there are indications that a woman, according to their experience in the "drug world", seems to have created the conditions required to the (re)written of alternatives of a life less restrained by "gender" and by "drugs".

**Keywords:** Woman, Female, Drug addiction, Gender Social Theory

## Résumé

A partir d'une réflexion critique sur la construction sociale du «genre» et «dépendance», nous cherchons à enrichir la connaissance des trajectoires des femmes qui utilisent et abus de drogues. Pour cela, nous approchons les différents domaines de la vie qui sont entrelacés avec leur expérience de la drogue, et nous donnons une importance particulière à la signification de la dépendance. Le but de la recherche est donc de comprendre la signification de la drogue pour les femmes et comment les contraintes de genre ils se tournent vers ces significations.

Basé sur un script, préparé avant, nous avons entretiens des entrevues de histoires de vie a sept femmes, afin d'obtenir des rapports significatifs sur leurs trajectoires de dépendance d'héroïne / cocaïne. Les femmes, utilisateurs de drogues, interrogés étaient dans une phase de confinement et de sobriété, et est sur leurs narratifs qui nous avons mis une analyse thématique.

Parmi les différents résultats de la recherche, nous soulignons que, en plus de la grande influence de l'autre dans la tendance de la dépendance, des femmes émergent, de l'expérience de la drogue, d'autres significations existentielles au stéréotype associé aux femmes. Au départ, l'expérience de la drogue est constituée comme un espace d'évasion aux contraintes de genre, dominante dans les trajectoires de vie de la femme dans le monde conventionnel. Nous examinons les différentes dimensions touchées par le genre et l'histoire de la dépendance comme la famille et les relations intimes, l'école et l'éducation formelle, le travail et l'emploi, la santé et le bien-être, et même les questions qui se rapportent à leur développement et inclusion sociale. En finissant, il y a des indications que la femme, selon leur expérience du «monde de la drogue", semble avoir créé des conditions pour la auteure des alternatives de sa vie moins conditionnée par «genre» et par la «drogue».

**Mots-clés:** Femme, Féminité, Dépendance, Théorie Sociale du Genre

## Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Enquadramento teórico.....	3
1.1 – (Des)construção social da Feminilidade.....	3
1.1.1 – Construcionismo Social e Teoria Social de Género .....	3
1.1.2 – Representações Sociais no Feminino .....	6
1.2 – Percursos de Consumo .....	10
1.2.1 – Toxicodependência e Comportamentos Aditivos.....	10
1.2.2 – Toxicodependência no Feminino.....	12
Capítulo 2 – Método.....	16
2.1 - Questões e Objetivos de Investigação .....	18
2.2 – Participantes.....	18
2.3 – Recolha de Dados.....	19
Capítulo 3 – Resultados .....	20
3.1 - Percursos de Violências Familiares .....	20
3.2 – Eu, os Outros e a Droga.....	22
3.3 – Vidas de consumos.....	25
3.4 – Reclusão: Reabilitar, Recair e Desiludir .....	30
3.5 – O presente e o futuro .....	31
Capítulo 4 – Discussão dos resultados.....	34
Conclusão.....	40
Bibliografia .....	42
Anexos .....	46

## Índice dos anexos

Anexo 1. Guião de entrevista .....	47
Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado .....	49



## Introdução

Pouco se sabe sobre a toxicodependência no feminino. No entanto, este fenómeno tem mobilizado várias áreas como a clínica e a investigação devido aos problemas agregados ao consumo de drogas ilícitas. É cada vez mais significativo o número de mulheres toxicodependentes e este número tem crescido ao longo dos últimos anos (Whynot, 1998), mas este é ainda reduzido comparativamente aos homens, que ainda imperam no mundo das drogas.

Neste trabalho a abordagem à toxicodependência feminina vai ser feita através dos percursos de vida, das significações do consumo e da construção de identidade. Desta forma, vamos partir dos discursos sociais e científicos sobre a feminilidade e a transgressão para poder perceber o fenómeno. Queremos, com isto, fazer uma abordagem aos discursos que as mulheres toxicodependentes constroem sobre os seus percursos de vida e sobre as significações da droga nesse percurso.

Pretendemos neste trabalho eliminar os dois pressupostos da desviância feminina: a quase ausência da mulher nos estudos criminológicos, onde é praticamente invisível como agressora, vítima ou qualquer outro tipo de relação com o sistema de justiça criminal, mas principalmente procuramos ajustar a sua presença nos estudos da criminologia e do comportamento desviante, sem distorcer as suas experiências transgressivas ou tentar enquadrá-las nos estereótipos dominantes.

Ao longo do Capítulo 1 (Enquadramento teórico) apresentamos o enquadramento concetual do estudo, dividido em dois grandes temas: a (Des)Construção Social da Feminilidade – em que é apresentado o Construcionismo Social e a Teoria social de género e as Representações Sociais no feminino, é feita a delimitação de conceitos, o enquadramento histórico do fenómeno e a apresentação de algumas teorias explicativas e ainda apresentamos papéis de género tradicionais; e, os Percursos de Consumo – perspetivada através da toxicodependência como desvio e procurando explica-la e integrá-la no género feminino.

O Capítulo 2 descreve as várias etapas do presente estudo empírico, procuramos explicar objeto e os objetivos específicos a trabalhar, bem como as questões de investigação formuladas. Segue-se então o enquadramento metodológico e o respetivo procedimento relativamente à caracterização da amostra, construção do instrumento e recolha de dados.

No Capítulo 3, passamos a apresentar os Resultados, procurando espelhar os relatos obtidos através das entrevistas efetuadas às mulheres toxicodependentes.

Por fim, no Capítulo 4, temos a Discussão dos resultados e as Considerações finais. Ao longo da discussão, confrontamos os resultados encontrados com o referencial teórico que os suporta, confirmando ou infirmando os estereótipos e crenças sociais e, quando adequado, propomos possíveis explicações para os fenómenos observados.

## **Capítulo 1 – Enquadramento teórico**

### **1.1 – (Des)construção social da Feminilidade**

#### **1.1.1 – Construcionismo Social e Teoria Social de Género**

A construção social de género pauta os percursos de vida das mulheres e faz mais visíveis as que transgridem. Este distanciamento leva a que se desenvolvam, mesmo, abordagens teóricas centradas na construção de género e nos perfis das mulheres transgressoras (Matos, 2010). Desta forma, para compreender o mundo e as pessoas, temos de ter em conta que existe um processo complexo que relaciona várias componentes. Entre estas componentes, a dimensão social destaca-se ao funcionar como produto das interações entre pessoas, de acordo com as especificidades históricas e culturais. Aqui as descrições e explicações funcionam como o resultado de uma ação conjunta, coordenada (Shotter, 1993; Shotter & Gergen, 1989 citado por Nogueira, 2001a).

No construcionismo social o resultado não é inabalável, firme ou estável. O histórico e o cultural funcionam como elementos-chave para a compreensão do mundo, das categorias e conceitos (Burr, 1995; Gergen, 1985 citado por Nogueira 2001b). Assim, o conhecimento é relativo e está dependente do tempo e da cultura, pois não só é específico a culturas particulares e períodos de história, mas também é produto dessa cultura e história ao mesmo tempo que está dependente de arranjos económicos e sociais (Burr, 1995 citado por Nogueira 2001b). Nesta teoria há uma deslocação do centro da atenção da pessoa para o domínio social. A psicologia torna-se o produto de discursos da história, do qual o sujeito não pode ser retirado e estudado de forma independente.

Desta forma, e de acordo com corrente supracitada, surge, no final dos anos 60, a conceção de género. Esta difundiu-se aceleradamente nas ciências sociais. Este conceito, caracteriza-se por ser o plano psicológico da identidade (Amâncio, 1993), o sentimento de ser rapaz ou rapariga. A identidade psicológica pode ser diferente em relação ao sexo biológico, daí a imergência do conceito de género, que como cita Amâncio (2001, p.2) surge para designar “...os comportamentos, sentimentos, pensamentos e fantasias que, embora relacionados com os sexos, não estão necessariamente associados ao sexo biológico (Stoller, 1968, pp.viii-ix in Millet, 1970/1991, p. 29)”.

Quando falamos de género somos obrigados a falar de sexo enquanto conceitos interligados, mas sobretudo é importante sermos capazes de os distinguir. Ao falarmos de sexo estamos a categorizar os indivíduos de acordo com a sua pertença a uma categoria biológica: sexo masculino ou sexo feminino; há uma dicotomia associada ao conceito. Contudo, quando falamos de género descrevemos inferências e valores atribuídos aos indivíduos a partir do conhecimento da sua categoria sexual de pertença, ou seja, é um conceito subjetivo, mais complexo, plural, que se insere num espectro, em vez de uma divisão objetiva. Esta diferença foi sugerida em 1972, por Ann Okley, uma vez considerando que as diferenças entre os sexos não se podiam apenas definir pela pertença biológica mas era, também, determinada pelas construções sociais.

O conceito de género é, assim, mais abrangente e envolve atributos psicológicos e aquisições culturais que vamos incorporando, como homem ou mulher, na construção da nossa identidade (Oakley, 1972). Essa construção cai depois, tendencialmente, para os vários campos do espectro que é o género, através dos conceitos de masculinidade ou feminilidade. Assim, a conceção de género insere-se no domínio da cultura e remete para a diferença socialmente construída, enquanto a conceção de sexo se insere no domínio da biologia.

O movimento feminista dos anos 60 abriu as portas ao reconhecimento do conceito de género como elemento básico e estrutural da sociedade, profundamente enraizada nas interações, educação ou leis de controlo social. Para além disso, investigaram-se também múltiplas dimensões de poder (como a idade, a sexualidade ou a classe social), que quando combinadas com o género se tornam determinantes para a compreensão do indivíduo naquele contexto particular. Por outras palavras, o surgimento de um sistema com vários “femininos” e “masculinos” tornou a compreensão do mundo mais complexa, assumindo a criminalidade e o desvio como um problema reflexo de uma estrutura mais profunda e diluída na sociedade em que todos vivemos, em vez de o reduzir a positivismo estatísticos ou estereótipos de género (Rafter & Heindensohn, 1995).

No entanto, nem tudo é tão fácil de definir e identificar e, a noção de género, é ainda no século XXI tida como uma dificuldade nas ciências sociais. É difícil a construção de um modelo de análise teórica descentrado do dualismo associado ao sexo biológico (Amâncio, 1999 citado por Vieira, Nogueira & Tavares, 2009). Quando falamos de sexo masculino e sexo feminino deve-se ter noção que são mais as diferenças dentro dos grupos do que entre grupos (e.g. são maiores as diferenças entre mulheres do que entre mulheres e homens). Não existe homogeneidade dentro destes, pelo contrário, a diversidade e variabilidade do que é ser mulher ou ser homem

contraria o pensamento de modelos ideais e exclusivos de conduta ou características. É por esta diversidade e heterogeneidade que não se pode continuar a acreditar que diferenças de natureza estática, bipolar e categorial existem tão marcadas e que os sexos são opostos. Desmitificar esta crença torna-se essencial pelas suas implicações, daí a necessidade de desconstruir este determinismo usado para descrever homens e mulheres resultante da dissemelhança biológica.

Com isto, quando proferimos género, no âmbito da psicologia, estamos a incluir componentes como a identidade de género, a orientação sexual, os papéis de género, as características da personalidade, as competências sociais e os interesses pessoais (Spence, 1985; 1993 citado por Vieira, Nogueira & Tavares, 2009). O comportamento apresentado por homens e mulheres resulta, então, da interação das diversas componentes que caracterizam o género. É desta forma possível observar a variabilidade de género que a pessoa é propensa de manifestar, percorrido num contínuo em que os polos são o masculino e o feminino.

A diferença entre o sexo biológico e o sexo psicológico abre uma nova área de conhecimento, dando então lugar ao género que, apesar de estar ligado à identidade, não abrange só a disciplina da psicologia: há influências sociais e culturais. O que determinamos como feminino ou masculino é singular a cada cultura e, alguns anos mais tarde, na sociologia esse carácter é acentuado na própria definição de género (Oakley, 1972).

A ideia mais importante das perspetivas pós-modernas é a negação da procura da verdade universal e absoluta (Flax, 1990; Harding, 1990; Rosenau, 1992 citado por Nogueira, 2001). Segundo Burr (1992 citado por Nogueira, 2001), o construcionismo social fornece uma leitura crítica da própria psicologia. O pós-modernismo questiona radicalmente a ideia dos fatos objetivos e contesta, rejeita, os pressupostos fundamentais da teoria antecedente, o modernismo. Ao mesmo tempo também depõe as grandes teorias ou meta-narrativas do estruturalismo, colocando-se em contraste face ao positivismo e ao empiricismo nas ciências sociais tradicionais. Nasce como oposição crítica face ao conhecimento disponível e às observações objetivas do mundo que remetem para a natureza individual e para a ausência de enviesamentos (Nogueira, 2001). Com estas ideias “caíram os mitos da verdade e uniformidade” (Villegas, 1992, p. 6 citado por Nogueira, 2001).

O feminismo pós-modernista tem procurado fornecer algumas propostas alternativas a esta “verdade”. A linguagem e relações sociais tornam-se centrais para a produção de conhecimento e representação da experiência (Wilkinson & Kitzinger, 1995 citado por Nogueira, 2001). Então, as diferenças entre homens e mulheres mostram, na literatura da psicologia, uma compilação de descrições de género,

organizadas sob domínios particulares e refletindo interesses igualmente particulares (Hare-Mustin & Marecek, 1994 citado por Nogueira 2001).

A perspetiva feminista na psicologia pode contribuir para compreender os processos de construção de identidade, destacando os mecanismos psicológicos pelos quais o género exerce controlo. Devem desafiar a tendência da psicologia para aceitar a diferença, demonstrando como as categorias culturais são construídas. Esta nova postura na teoria feminista com repercussão na psicologia encara o género como uma construção social (Amâncio, 1994; Hare-Mustin & Marecek, 1990a; 1990b; 1990c; 1990d; Nogueira, 1997; Reskin & Padvic, 1994; Unger, 1990, citado por Nogueira, 2001), pondo de parte o determinismo biológico.

Em suma, o género faz parte do Construcionismo Social e, a construção social de identidade influenciada pelos papéis sociais de género, tem um grande impacto na formação e manutenção dos percursos pessoais. Neste sentido, também tem influencia na forma como as/os toxicodependentes constroem os seus percursos de vida e histórias de consumos. Com isto percebemos que as exigências colocadas à mulher para que corresponda a um ideal de feminilidade parecem conduzi-la a formas de desvio que, em função do seu grau de conformidade ao controlo de género, se desviam da norma. Há, assim, uma necessidade de olhar para a transgressão feminina através de uma lente de género. Sabemos que as condicionantes e as exacerbantes que levam ao vício e à adição de substâncias psicoativas nas mulheres estão pouco estudadas e, com este trabalho, pretendemos compreender e explicar alguns destes “caminhos” até à toxicodependência feminina.

### **1.1.2 – Representações Sociais no Feminino**

Durante a infância são-nos ensinadas duas categorias distintas básicas: homens e mulheres - categorias que estão ligadas previamente a uma norma social de categorização, fundamentada nas aparências físicas visíveis entre os sexos. Ao mesmo tempo, é-nos ensinado, de um modo mais abstrato, uma outra distinção relacionada com o que é masculino ou feminino (Vieira, Nogueira & Tavares, 2009). É certo que o sexo é um fator biológico mas passa igualmente por um fator social e cultural e a reação das pessoas perante crianças do sexo feminino ou masculino é diferente (Maccoby, 1980 citado por Vieira, Nogueira, Tavares, 2009). Isto remete-nos para os estereótipos de género.

Por estereótipo entende-se uma ideia fixada que se difunde na sociedade formando uma opinião pública (Lippman, 1992 citado por Nogueira & Saavedra, 2007).

No caso do estereótipo de género, há uma ideia universal categorizada de comportamentos e atitudes associadas ao grupo das mulheres ou dos homens. Este tem duas componentes: uma descritiva e outra prescritiva. À primeira componente pertencem os atributos ou traços de personalidade, que usualmente se associa e caracteriza um determinado grupo. A componente prescritiva é determinada pelos comportamentos considerados adequados a esse grupo (Fiske & Stevens, 1993 citado por Nogueira e Saavedra, 2007) ou papéis de género, baseados em papéis sexuais referentes a “expectativas normativas sobre a divisão do trabalho entre os sexos e às regras relacionadas com o sexo sobre as interações sociais, que existem dentro de um determinado contexto histórico-cultural” (Spence, Deaux & Helmreich, 1985, p.150 citado por Nogueira & Saavedra, 2007, p. 13).

Estas crenças e estereótipos servem como mecanismos de segregação e como motor de preconceitos (Bourhis, Gagnon & Moise, 1996 citado por Nogueira & Saavedra, 2007). São atitudes problemáticas porque traduzem generalizações desfavoráveis a um determinado grupo, sem ter em conta a diversidade de cada elemento que existe nesse mesmo grupo. No caso do grupo das mulheres, há muitos estereótipos de género, traduzindo-se na disseminação de atitudes e comportamentos discriminatórios. A discriminação de género resulta num processo de diferenciação social, que é edificado nos pressupostos das diferenças sexuais entre homens e mulheres, da superioridade masculina e a inferioridade feminina (Amâncio, 1994; Crawford, 1995; Nogueira, 2001 citado em Cruz, 2016).

Mais concretamente podemos referir, por exemplo, a maneira de vestir, em que as mulheres usam saia e os homens calças ou as mulheres cor-de-rosa e os homens azul. Ou mesmo as aspirações futuras onde, socialmente, a mulher, para ser completa e bem-sucedida, deve ter um papel de mãe e esposa, pondo a carreira profissional em segundo plano, enquanto o homem é encorajado *apenas* a atingir o sucesso profissional. Estas simplificações servem não só para organizar o meio social complexo mas conjuntamente para justificar a discriminação de grupos e reforçar preconceitos. Há aqui um controlo informal que se vai refletir na mulher e na construção da sua identidade, comportamentos e aspirações.

Já em 1949, Simone de Beauvoir, se pronunciou sobre a construção social de género, através da sua muito célebre frase “*On ne naît pas femme, on le devient (...)*”<sup>1</sup> e, de facto, de acordo com esta visão epistemológica, não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres pois construímos a nossa identidade ao longo da vida, delineada pelo ambiente, relações com outros, com a genética e outras condicionantes. Estas condicionantes determinam o “ideal” do que é ser mulher. É a

---

<sup>1</sup> “Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres (...)”

sociedade que constrói os padrões masculinos e femininos, distintos, e estes estão dependentes da cultura e do tempo.

Estes padrões distintos resultaram na formulação, por Ira Reiss (1960), da abordagem do Duplo Padrão Sexual que se baseia na observação de regras sociais e padrões comportamentais distintos para mulheres e homens. No entanto, estes são determinados por vários fatores sociais e, felizmente, estão em mudança nos dias que correm (Bordini & Sperb, 2012).

A visão sobre a sexualidade tem sido alterada ao longo dos anos, facilitada pelos contributos do movimento feminista, contudo, as características tradicionais associadas aos géneros ainda são facilmente identificadas (Jones, 2010 citado por Bordini & Sperb, 2012). Há regras e valores que estão dependentes do género com que a pessoa se identifica. É a isto que se apelida de Duplo Padrão Sexual, ou seja, a aceitação de diferentes critérios para diferenciar homens e mulheres para além do critério sexual, biológico. Em 1961, Ira Reiss sugere que existiam estatutos e padrões que limitavam o comportamento das mulheres em relação aos homens, por exemplo, sexo antes do casamento, masturbação e adultério. Nestes casos, para as mulheres, estes atos eram vistos como incorretos e inadequados, enquanto nos homens era algo normalizado (Reiss, 1961 citado por Bordini & Sperb, 2012). Isto leva a que, por exemplo, as mulheres que têm sexo antes do casamento sejam julgadas e discriminadas pela sociedade e pelos outros como impuras. Ao associar e caracterizar o grupo dos homens com determinadas características e o das mulheres com outras, faz com que os avaliemos de forma negativa quando não correspondem a esses padrões. Por exemplo, quando um homem tem maneirismos associados ao género feminino ou quando uma mulher é promiscua, a avaliação da sociedade sobre estes é diferente em relação a outros que cumprem os padrões prevaletentes do seu género. Assim, existe uma conotação negativa para quem se desviar dos padrões de género validados na norma social (Reiss, 1961 citado por Bordini & Sperb, 2012). O fenómeno do Duplo Padrão Sexual está em mutação e a evoluir, uma vez que, por exemplo, já é mais aceite na sociedade ocidental que uma mulher tenha sexo antes do casamento. Estes pequenos avanços irão permitir que as diferenças entre homem e mulher diminuam, aproximando-nos, progressivamente, da igualdade dos sexos.

No mesmo sentido, a teoria dos *Scripts* Sexuais (Gagnon & Simon, 1973) explica-se como a realidade inegável que a compreensão subjetiva de cada pessoa sobre a sua sexualidade (*script* sexual) irá determinar a escolha de ações sexuais e a subsequente experiência qualitativa desses atos sexuais (Jones & Hostler, 2002). O *script* caracteriza-se por ser a metáfora para conceptualizar a produção de comportamento dentro da vida social (Gagnon & Simon, 1973 p. 98 citado por Jones &



Hostler, 2002), ou seja, o *script* é um aparelho cognitivo que guia a ação e dá sentido ao comportamento. Estes podem gerar comportamentos que funcionam como autorrealizadores de profecias que suportam o próprio *script*, podendo promover uma consistência disfuncional. Quando isto acontece, é difícil para a pessoa atuar contrariamente ou de forma inconsistente com o *script*, pois estes estão de acordo, são consistentes, com o contexto social e cultural (Jones & Hostler, 2002).

Quando falamos de scripts sexuais estamos a definir o repertório do que é apropriado e aceite em termos de comportamento, estado, papéis e modelos de expressão sexual da pessoa (Reed & Weinberg, 1984, citado por Jones & Hostler, 2002). Desta forma, o *script* funciona no social e molda o comportamento da pessoa de acordo com o seu sexo biológico. Tal como no fenómeno do Duplo Padrão Sexual, quando alguém não age de acordo com o *script* associado ao seu grupo, torna-se desviante da norma (*script*). Gerando, portanto, uma conotação negativa apenas porque não tem o comportamento generalizado como adequado de acordo com as suas características biológicas. Às mulheres é exigida e necessária a conformidade com os papéis que lhes são impostos socialmente. Isto funciona no sentido da preservação do ideal de feminilidade, tal como é construído através dos discursos dominantes. Na ocorrência de desvio, este é considerado ameaçador em relação à manutenção da ordem social do sexo feminino. Segundo Cunha (1994 p.24) “a transgressão que as conduziu à prisão é, de uma forma ou de outra, concomitante com a negação das normas que definem a conduta feminina apropriada”, reforçando a ideia de quem é desviante rompe com as regras do ideal de feminilidade.

O mesmo, por exemplo, acontece com as mulheres toxicodependentes: ao fugir aos padrões e *scripts* associados ao sexo feminino através dos percursos de toxicodependência e, no caso deste estudo, de reclusão. É objetivo deste estudo, tentar compreender quais as consequências sociais e individuais de cada uma, ao mesmo tempo que tentamos perceber os percursos de desviância.

## 1.2 – Percursos de Consumo

### 1.2.1 – Toxicodependência e Comportamentos Aditivos

*“A dependência consiste num dos melhores exemplos da complexidade dos seres humanos.” (Griffith et al., 1994, p.266)*

Desde sempre, o consumo de drogas tem andado lado a lado com a figura humana, no entanto, há culturas que valorizam o seu uso, enquanto outras rejeitam-no (Ferreira-Borges e Filho, 2004). Esta contradição leva a que o consumo de drogas adquira o carácter de problema, que surge quando existem circunstâncias sociais e culturais que, por um lado fomentam e tornam possível o seu uso generalizado, incluindo as suas consequências e, por outro, se desenvolvam atitudes contrárias de repressão e proibição.

O fascínio por substâncias que interferem com o psiquismo tem sido um dos principais motivos para a sua experimentação e, consequentemente, adição. O êxtase sensorial, a experiência de sair de si próprio, de se tornar diferente de si mesmo, de se melhorar, de colmatar ansiedades e solidão, mesmo que temporariamente, tem-nos deslumbrado e ocasionou uma adaptação da própria cultura ao seu uso.

A droga define-se como toda a substância que produz alterações no estado de consciência do seu consumidor. O abuso de drogas foi definido, no atual DSM-5 (American Psychiatric Association, 2013), como perturbação do uso de substâncias à qual está ligado um conjunto de sintomas (cognitivos, comportamentais e fisiológicos). Isto revela que o indivíduo continua a usar a substância apesar da existência de problemas significativos relacionados. Esta perturbação foi construída ao longo de um contínuo e varia de acordo com a severidade clínica do comportamento de consumo (American Psychology Association, 2013). As drogas podem ainda ser legais ou ilegais, o que não influencia no diagnóstico de abuso de drogas. As propriedades aditivas das diferentes drogas são o principal causador da dependência, e esta manifesta-se física e psicologicamente.

A dependência faz parte de uma das muitas áreas do comportamento humano e da sua experiência, tratando-se de um processo causal bastante complexo. Para compreendermos como começa temos de incluir os seus fatores etiológicos mais importantes, logo, temos de reconhecer os papéis interativos entre a pessoa, a droga e o ambiente. A adição irá aumentar consideravelmente quando a pessoa se sentir em baixo, sinta pressão de pares, tenha uma predisposição genética elevada para o seu

uso ou a própria facilidade de acesso à droga, elementos que funcionam como fatores de risco. Para poder explicar a adição é essencial compreender também a importância da genética, da psicologia comportamental, da sociologia e da economia, assim como da farmacologia e da psicopatologia. Todos estes são fatores que influenciam, não só o início mas também a sua continuidade e a dificuldade em interromper o consumo.

Assumimos que, neste trabalho, nos vamos desviar de uma visão determinista que vê o consumo como pré-determinado. As influências biológicas e genéticas do sujeito são ultrapassáveis. Não é, por exemplo, pelo nível de impulsividade do sujeito ser elevado que este é direcionado para o consumo de drogas; o sujeito escolhe e tem controlo sobre a sua vida, não é correto *apenas* responsabilizar a genética e simplificar o problema. Existem vários e variados fatores que influenciam o processo de dependência. Temos de ver a dependência com um resultado. Simplificando, a adição funciona como uma conta matemática e, esta, é o resultado da soma dos fatores de risco (FR) ser superior aos fatores de abstinência (FA):  $(FR) > (FA)$ . Desta forma, a toxicodependência e a adição são problemas causais e complexos.

Como já foi referido, as opiniões divergem entre os que aceitam e os que reprovam o consumo das diferentes drogas. Na população portuguesa, segundo o III Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, o grau de desaprovação é elevado no que se refere ao consumo de substâncias psicoativas ilícitas, contrariamente ao tabaco e ao álcool que são lícitas e mais socialmente aceites. Há também uma opinião semelhante no que toca à legalização das diferentes drogas.

No estudo deste fenómeno chegou-se à conclusão que há diferentes circunstâncias e contextos de consumo e, por isso, é difícil conseguir *um* perfil homogéneo da pessoa toxicodependente. Podem existir sujeitos análogos e com “carreiras” toxicodependentes idênticas mas estes casos são raros e as diferentes variáveis que proporcionam o consumo têm diferente peso de pessoa para pessoa, influenciando de maneiras diferentes o indivíduo, uso e a habituação à(s) substância(s).

Desta forma, temos de analisar diferentes variáveis ligadas à toxicodependência, como o acesso à substância, os contextos e lugares de consumo, o modo de ingestão e, principalmente, as motivações para o consumo. Ao mesmo tempo, é também importante serem analisados os fundamentos que levam ao não consumo e à abstinência de drogas.

As principais motivações para o consumo variam entre melhorar os contactos físicos ou as relações sexuais, melhorar o raciocínio, atingir dimensões espirituais, ser sociável, sentir-se “*high*”, com “moca” ou com “ganza”, dar energia física para

atividades de lazer, reduzir inibições ou a timidez, esquecer problemas, ajudar a relaxar, dar energia física para trabalhar, ver como é, para experimentar ou por curiosidade, ou porque no grupo de amigos algumas pessoas consomem, entre outras (Balsa, 2012).

Por outro lado, temos as principais motivações para a abstinência ou o não consumo de substâncias psicoativas como a dificuldade de obtenção da substância, a falta de interesse e de vontade em consumir, motivos inibidores relacionados com a família, os efeitos do consumo, motivos relacionados com questões de saúde, motivos relacionados com dependência da substância, motivos legais, alterações no modo/estilo de vida, pressão de terceiros, falta de satisfação com a qualidade, sabor e/ou efeitos da substância, motivos relacionados com redes de amizade, motivos económicos, consumo experimental, representações negativas do consumo, ou outros (Balsa, 2012).

O consumo de estupefacientes e o crime em geral são contextos dominados pela figura masculina e, desde o começo do estudo do desvio até aos dias de hoje, é de destacar o aparecimento tardio da referência ao desvio feminino. Existem ainda poucos estudos sobre esta especificidade do desvio e, de uma forma geral, a mulher tem sido ignorada ou analisada com base nos estereótipos de género inerentes ao discurso social dominante.

Neste estudo vamos atender principalmente à vertente social do consumo e, consequentemente, às suas representações e reações sociais. Nesta perspetiva crítica vamos focalizar apenas nas mulheres aditas e reclusas, e atender não só às motivações e variáveis intrínsecas como também as extrínsecas. Vamos afastar a atenção do comportamento desviante e do próprio ofensor para os contextos em que este se insere, salientando não só no comportamento em si mas também a reação a ele.

### **1.2.2 – Toxicodependência no Feminino**

Existe uma nova conceptualização do fenómeno droga. A inserção da mulher neste contexto dominado por homens afasta-a das temáticas tradicionalmente associadas ao género feminino. É necessário e interessante constatar novas conceptualizações deste fenómeno e propor novas posturas epistemológicas no seu estudo.

Sabemos que a transgressão e a feminilidade têm sido construídas socialmente, pois tratam-se de fenómenos sociais. Os discursos sociais sobre o

comportamento humano, feminino e masculino, envolvem e integram em si os mesmos mecanismos de controlo. Estes controlos podem ser formais ou informais em que, instituições como a família ou a escola assumem informalmente uma função reguladora comportamental beneficiando e punindo aqueles que não correspondem às expectativas ou normas sociais de um determinado papel e, instituições como a polícia ou os serviços prisionais, exercem o controlo formal (Matos, 2006). Há ainda a influência acentuada dos *mass media* na perpetuação dos discursos sociais dominantes, que têm subjacentes os estereótipos de género.

Estes dispositivos atuam diferenciadamente em função do género estando relacionada com o manifesto contraste entre o número de homens e mulheres oficialmente identificados com delinquentes (Dahl & Snare, 1978). A mulher sofre mais com os dispositivos de controlo informais (e.g., Larrauri, 1994), refletindo-se na construção do seu repertório comportamental. Ela é alvo de maior pressão para agir em conformidade aos papéis associados uma vez que a resposta à transgressão da mulher a nível social é mais punido do que nos homens.

É aqui que entra o “ideal de feminilidade”. A mulher é encorajada a comportar-se e agir de certa maneira, onde, por exemplo, a permanência na esfera doméstica, a imposição de limites à sua sexualidade e a ameaça de violência masculina são legitimadas formal e informalmente (Dahl & Snare, 1978 citado por Matos, 2006). Ao mesmo tempo, existe uma dicotomia entre a mulher “naturalmente boa” *versus* “figura maquiavélica”. Há aqui uma forte influência religiosa, nomeadamente a católica perpetuada pela Bíblia, onde existe um alto contraste entre a figura de Maria, mãe de Jesus Cristo (santa e mãe) e a figura de Maria Madalena (prostituta e imoral). E, sendo a mulher “naturalmente boa”, é contraditório haver desvio, daí ser diferente a reação social, assim como a punição em relação ao desvio.

Até no crime e nos desvios subsistem estereótipos de género e é possível afirmar que existem desvios e crimes associados caracteristicamente ao género feminino, por exemplo, a prostituição e o aborto, pois apesar de este último já ser legal, há uma legitimidade informal de punição. Quando à uma fuga em relação aos crimes e desvios associados às mulheres e a realização de outros “mais masculinos” (mais violentos), há uma quebra de estereótipos e da visão clássica do desvio na mulher, tendendo a ser punida mais pela sua não conformidade aos papéis de género do que à lei (Matos, 2006). Há tipos específicos de crime associados aos homens e às mulheres; ainda assim, e, comparativamente aos homens, os crimes que estão associados ao sexo feminino tendem a ser menos frequentes, menos violentos e menos diversificados. Esta visão redutora e sexista do crime e desvio só coaduna com os discursos sociais dominantes e reforça os estereótipos de género.

As próprias abordagens tradicionais explicativas da desviância feminina expõem-na de forma fortemente estereotipada. Atentemos ao exemplo de Lombroso (1895), um dos pioneiros do estudo do comportamento desviante e criminal: ele verificou que existia um menor número de mulheres naturalmente criminosas, identificando-as como ofensoras ocasionais em vez de ofensoras natas. Ele culpabilizava o desvio e o crime nas mulheres de acordo com a biologização, a sexualização, a patologização e a masculinização (Lombroso & Ferrero, 1895/1996 citado por Matos, 2006).

Especificamente no contexto das drogas e da toxicodependência feminina sabemos que de 2001 para 2012, o uso de drogas ilícitas entre as mulheres, aumentou de um modo geral (Balsa, 2012). O consumo de qualquer substância ilícita tem sido maioritariamente masculino, no entanto, verificamos que a proporção de mulheres consumidoras tem aumentado. Quando nos focalizamos na análise sobre o consumo de, por exemplo, cogumelos alucinogénios e anfetaminas ou sobre o consumo de heroína, que é bastante inferior comparativamente aos homens. Ao mesmo tempo o uso de medicamentos continua, no geral, a ser marcado por um consumo maioritariamente feminino (Balsa, 2012).

O grau de desaprovação da população geral é elevado no que se refere ao consumo de substâncias psicoativas ilícitas, sendo o sexo uma das variáveis que diferencia as posições dos indivíduos face à aprovação ou desaprovação do consumo de substâncias psicoativas (Balsa, 2012). Nas mulheres, de uma maneira geral e quase sendo indiferente a substância referida, há uma maior expressão de desaprovação.

A representação social das substâncias psicoativas é bastante relevante porque pode influenciar o comportamento do consumo (Costa & Marques, 2002 citado por Macedo, 2006). Segundo Cabral (1998), a palavra droga traz consigo uma carga moral referente a hábitos de vida relacionados com condutas negativas. O que se comenta e o que se ouve acerca de algo ou alguém, “tem sempre conotações positivas e/ou negativas que poderão ou não corresponder à verdade” (Macedo, 2006, p.1). Desta forma, se atendermos aos papéis ou *scripts* de género femininos podemos ver facilmente que a toxicodependência não se enquadra nestes padrões. O que aqui acontece é que as mulheres toxicodependentes funcionam como “desvio” à norma social. Daí que seja mais complexo e inacessível a informação que permita traçar percursos de desviância e integrar o modo como é que as mulheres toxicodependentes seguem esta carreira desviante se estão limitadas pelos padrões comportamentais sociais, pela representação social negativa do desvio e pela representação social negativa das drogas. Há uma quebra no controlo informal bastante acentuando, portanto, a transgressão da feminilidade, como já foi referido.

No geral, é relevante a pouca relevância que é dada à mulher no fenómeno do desvio. As abordagens que falam sobre mulheres e que estão relacionadas com desviância são escassas e não lhes conferem qualquer protagonismo. Há, então, uma necessidade de constatar novas conceptualizações dos fenómenos em causa porque, assim, podemos reformular e completar o estudo da desviância feminina. Torna-se aqui necessário conceptualizar a variável género no estudo do comportamento desviante e da reacção social ao mesmo, não esquecendo as variáveis como a etnia e a classe social.

Este estudo tenta criar uma postura crítica à concepção de desvio, propondo entendimentos e tentando abranger melhor o fenómeno da desviância, afastando-o dos temas “tradicionalmente” associados à mulher e desta forma, alargando o tema.

## Capítulo 2 – Método

Neste trabalho pretendemos analisar as trajetórias de vida de mulheres toxicodependentes e como elas as constroem discursivamente, procurando compreender em particular o significado atribuído à toxicodependência e à reclusão, bem como as circunstâncias *genderizadas* presentes na construção desses discursos.

### *O qualitativo*

Ao adotar o construcionismo social como base epistemológica para explicar o fenómeno das drogas no feminino, escolhemos utilizar a perspectiva e uma metodologia qualitativa.

A linguagem funciona como um aspeto fundamental do construcionismo social; o mesmo fenómeno ou evento pode ser descrito de muitas formas, dando ênfase às diferentes maneiras de ser percecionado, não significando que está certo ou errado. A construção da realidade social é variável e, com a metodologia qualitativa, procura, explorar-se as condições do uso dessas realidades e procurar as implicações da experiência humana e da prática social. O qualitativo proporciona-nos, assim, acesso a essas variabilidades da construção da realidade potenciando uma maior reflexividade.

Desta forma, iremos dar ênfase ao significado, pois há interesse em perceber como os sujeitos sentem o mundo e como experienciam e lidam com os diferentes eventos. Não iremos simplesmente fazer uma ligação de causa/efeito; há uma preocupação com a qualidade e textura do acontecimento (iniciação, consumo, adição, ressaca, etc). O que aqui importa é o significado da experiência para a pessoa e o que se pretende com esta metodologia é perceber o processo.

O qualitativo dá-nos os resultados expressos em palavras em vez de números, característico do quantitativo. Os diálogos e as narrativas são apresentados sem cotação ou pontuação, ou quantificados de outra forma qualquer. Consequentemente, as análises não devem ser caracterizadas como mais ou menos que outra coisa (Willig, 2001). Quando quantificamos uma experiência estamos limitar a sua representação real, apesar de oferecer uma leitura mais objetiva e eficiente para manipulação e agregação dos resultados mas, a caracterização da experiência de alguém desta forma, é geralmente bastante pobre.



### *A Análise Temática*

A análise temática (Braun & Clarke, 2006) foi o método escolhido para identificar, analisar e reconhecer temas/padrões neste estudo. De acordo com a metodologia qualitativa, escolhemos este, método como sendo o mais apropriado uma vez que reduz e organiza o texto, sendo mais fácil na discussão de resultados fazer as inferências necessárias de acordo com os padrões obtidos. Com este método damos primazia à experiência. É com as experiências da realidade do dia-a-dia das pessoas que compreendemos e o fenómeno que queremos estudar.

A análise temática pode ser um método essencialista ou realista, o qual reporta experiências, significados e a realidade dos participantes; ou pode ser construcionista, na qual as diversas formas em que os eventos, realidades, significados, experiências e por aí em diante são os efeitos de uma variedade de discursos que funcionam dentro da sociedade (Braun & Clarke, 2006). Pode ser também um método contextualista, que se situa nos dois polos do essencialismo e construcionismo, e é caracterizado por teorias como o realismo crítico – exalta a forma como os indivíduos fazem significado da sua experiência e, por outro lado, explica as diferentes formas em que o alargado contexto social impinge significados (Braun & Clarke, 2006).

Este método consiste na execução de seis passos, nomeadamente: 1) Familiarização com os dados; 2) Gerar códigos iniciais; 3) Procurar temas; 4) Rever os temas; 5) Definir e nomear os temas; e 6) Produção de produto final (Braun & Clarke, 2006). Neste estudo, a Familiarização com os dados resultou na produção e transcrição das entrevistas. Já nesta primeira fase foram feitas algumas notas e ideias de codificação para a fase seguinte. Numa segunda fase, foram criados os códigos iniciais; pontos base e relevantes ao estudo que funcionam como forma de organização para uma análise posterior mais facilitada. Na terceira fase procuramos os temas, ou seja, os códigos encontrados anteriormente são organizados e agrupados em diversos temas relacionados com o tema em estudo. A quarta fase desenvolve-se como um afunilar dos temas encontrados anteriormente; procura-se aqui os temas mais relevantes ao estudo e descarta-se, por exemplo, os que não têm dados suficientes ou que são demasiado diversificados. Na fase cinco, quando já existe um mapa temático satisfatório, definimos e refinamos ainda mais, se necessários, os temas que vamos apresentar na análise e estudamos os dados que os constituem. A última fase resulta de um vasto trabalho nos temas e envolve uma análise final e a produção da narrativa explicativa dos temas encontrados.

## **2.1 - Questões e Objetivos de Investigação**

Nesta investigação sobre a toxicodependência no feminino e sobre a construção de género, aliada ao contexto prisional, o objetivo é a análise da significação atribuída pelas mulheres ofensoras à adição e, conseqüentemente, à transgressão. Ao mesmo tempo, queremos estudar as respostas a estas, bem como a contextualização social em que ocorrem, no processo de construção da sua identidade.

Vamos, assim, tentar compreender as mulheres e o seu envolvimento com os desvios, conseqüentemente analisando a contextualização social da transgressão social feminina, dando destaque às circunstâncias relacionadas com o género. Serão, então, considerados os discursos sociais sobre o ideal de mulher e feminilidade para perceber de que forma estes moldam e condicionam o processo de formação da sua identidade.

De uma maneira sintetizada, pretendemos responder à questão: “Quais as significações da toxicodependência e das circunstâncias relacionadas com esta na construção narrativa das trajetórias de vida nestas mulheres aditas?”.

## **2.2 – Participantes**

A composição da amostra deste estudo partiu de uma característica específica inicial – ser mulher e toxicodependente. Assim, devemos salientar que não se trata de uma amostra aleatória uma vez que resulta do contacto com um serviço específico de reclusão feminina com apoio específico à mulher toxicodependente, tratando-se assim de uma amostragem por conveniência. Contudo, destacamos que não estamos à procura de possibilitar generalizações dos resultados obtidos, estamos sim a tentar apurar a experiência de um fenómeno (Machado, 2000 citado por Matos, 2006) em particular.

Como mencionado anteriormente, foram selecionadas mulheres que estivessem relacionadas com o fenómeno da droga. As mulheres não são semelhantes entre si, sendo que a heterogeneidade do próprio grupo da amostra servirá para enriquecer o estudo. O recrutamento das participantes foi levada a cabo no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo e teve em consideração a disponibilidade das participantes e da instituição onde a recolha foi realizada. A amostra deste estudo é constituída por 7 mulheres em estado de reclusão, com idades compreendidas entre os 27 e 45 anos, com características e experiências

heterogêneas do consumo de drogas. Devo também mencionar que 6 das mulheres da amostra são heterossexuais e apenas uma relata experiências de bissexualidade. O término do recrutamento ocorreu pela fraca disponibilidade das reclusas no estabelecimento prisional para participação no estudo e as limitações associada ao período temporal disponível para a realização deste trabalho acadêmico.

## **2.3 – Recolha de Dados**

Atentando que neste estudo se procura chegar aos discursos produzidos sobre a toxicodependência e aos significados relacionados a este na composição de narrativa de histórias de vida, o instrumento que se verificou mais apropriado para a recolha de dados foi a entrevista qualitativa semiestruturadas que, segundo Fontana e Frey (1994), devido à sua natureza, oferece maior profundidade de análise (citado por Matos, 2006). O guião orientador das entrevistas encontra-se no meio do espectro entre a rigidez e a flexibilidade. Isto é resultante num guião com um conjunto de questões iguais, às quais se pretende que todas as reclusas respondam, e, ao mesmo tempo, que surjam informações únicas e específicas de cada uma destas mulheres. No entanto, não se trata, metodologicamente, de uma biografia. Como diz Matos (2006), “mais do que uma abordagem centrada na história de vida de jovens toxicodependentes, trata-se de uma abordagem centrada na construção das narrativas de história de vida de cada uma delas” (p. 230).

As diferentes etapas de investigação obedeceram a momentos específicos: o da introdução/proximidade, da recolha de dados sociodemográficos necessários, do aquecimento, dos trajetos de vida, do trabalho em torno do guião, e finalmente do fecho. O momento de aquecimento consiste nas interações e questões informais de facilitação do à-vontade dos participantes. Durante o momento de fecho pode ser acrescentada alguma informação adicional tanto por parte dos participantes como do investigador; deve também tentar perceber-se como se sentiu o sujeito durante o período de investigação e por fim, fazer os agradecimentos devidos (Braun & Clarke, 2013). A elaboração do guião (cf. Anexo 1) foi baseada na revisão bibliográfica realizada. As entrevistas foram realizadas nas instalações do Estabelecimento Prisional Feminino de Santa Cruz do Bispo e tiveram uma duração média de 30 minutos. A cada participante foi fornecido o consentimento informado, no sentido de apresentar as linhas gerais deste trabalho e de pedir autorização para fazer a gravação áudio do momento de investigação (cf. Anexo 2).

## **Capítulo 3 – Resultados**

Nesta seção da dissertação apresentaremos os temas que emergiram dos dados após realização da Análise Temática (Braun & Clarke, 2006, 2013). Emergiram, assim, cinco temas principais: 1. Percursos de violências familiares; 2. Eu, outros e as drogas; 3. Vidas de consumos; 4. Reclusão: Reabilitar, Recair e Desiludir; e 5. O presente e o futuro. Neste processo, surgiram ainda subtemas e códigos associados a cada um dos temas primários como exploraremos de seguida. De modo a explicitar melhor esta organização temática, cada tema será acompanhado de extratos exemplificativos isolados das entrevistas e de uma narrativa interpretativa que conta a história destas mulheres.

Consideramos ainda importante destacar que o organizador central dos temas referidos são os percursos de consumo, uma vez que todas as vivências e experiências relatadas, só fazem sentido para estas mulheres quando inseridas na sua trajetória pelo mundo das drogas. As drogas são um elemento de destaque na transgressão feminina. Se quisermos ser mais abrangentes, estas adquirem um papel de destaque no crime em geral (Cunha, 2002).

Como já foi referido por Matos (2006), a droga tem adquirido um papel secundário na transgressão feminina, contudo estas mulheres têm uma experiência de vida que refuta essa secundariedade. Como mulheres reclusas, os crimes que têm a droga como plano de fundo são bastante significativos, ainda que nem sempre o crime é cometido para garantir o consumo. As drogas imergem ainda nos discursos sobre a família, sobre institucionalizações, sobre o grupo de pares ou sobre as relações íntimas (Matos, 2010).

No sentido de desenvolver uma interpretação mais fidedigna e livre de preconceitos é fundamental não descuidar singularidade das histórias de vida, e não esquecer que se desenvolvem com base num conjunto de fatores pessoais, ambientais e sociais.

### **3.1 - Percursos de Violências Familiares**

Este ponto engloba todo o discurso produzido pelas mulheres, sobre a sua vida, anterior ao trajeto de consumo de drogas. Inclui, essencialmente, todos os dados referentes à infância e à vivência do desenvolvimento, em particular com a família (ou substitutos). Quando os consumos se iniciam em idades mais avançadas pode incluir vivências em etapas posteriores de desenvolvimento, em contextos diferentes.

Nos discursos das reclusas existem dois percursos delineados e que antecedem o início do consumo (e.g. ER1 e ER2): *Percursos “Normativos”* e *Percursos de Violência*. Ambos constituem assim subtemas paralelos de vivências das mulheres entrevistadas.

### *Percursos “Normativos”*

*“(...) tenho uma ótima família, não tinha uma família disfuncional, nada. Tínhamos dinheiro suficiente para viver, não éramos ricos, mas nunca faltou dinheiro em casa para comer (...) Fiz até à Universidade. Nunca tive nenhum problema (...)” (ER3)*

No primeiro subtema, podemos ver que há reclusas com uma infância/adolescência com um percurso considerado normativo, sem incidentes marcantes. Esta normatividade caracteriza-se por uma vida estável no contexto económico, financeiro, familiar, emocional, psicológico, educativo, social, saúde, etc. Esta direção normativa acaba por, em algum ponto da vida da reclusa, sofrer um corte (e.g. ER3). O percurso regular acaba e inicia-se uma vida de desviância, ligada ao mundo da droga e a tudo que lhe é inerente. Este corte é quase sempre definido pela morte de alguém próximo, como a mãe ou o namorado, mas também acontece com o envolvimento amoroso com um companheiro toxicodependente. Isto não impede que as reclusas já tivessem experimentado algum tipo de droga mais cedo, não houve fixação e regularidade no consumo para se tornarem aditas.

### *Percursos de Violência*

*“(...)Tive uma infância difícil, os tempos também eram outros. As dificuldades eram muitas, e lembro-me que eu com 9 anos meti-me a trabalhar (...) o meu pai era alcoólico, batia muito na minha mãe. A minha mãe quase todos os dias era levada para o hospital porque ele espancava-a. Ele todos os dias vinha alcoolizado para casa (...)” (ER2)*

No segundo subtema, existem, por outro lado, reclusas às quais a infância/adolescência foi marcada por uma elevada instabilidade em todos os contextos. Esta é caracterizada, por exemplo, violência, pobreza, abandono escolar e consumos excessivos de álcool ou abuso de drogas por parte de familiares próximos,

resultando numa vida abalável. Nestas reclusas é mais comum a experimentação de drogas, levando a uma regularidade no consumo e consequentemente adição numa idade mais precoce.

Estes dois temas sumarizam a fase inicial da vida das reclusas e explicam o ponto de partida para o mundo da droga. No entanto, não foram estes os únicos fatores que impulsionaram a experimentação e, consequentemente, o consumo. Há outros fatores envolvidos, relacionados com o eu, os outros e a própria droga e são esses que vamos explicar no tema seguinte.

### **3.2 – Eu, os Outros e a Droga**

Denotando a importância que o consumo de droga tem na vida destas mulheres, tornou-se imperativo construir um tema que se centrasse no “início” do consumo. Este abordará as dimensões pessoais, interpessoais, e as significações da droga nesta fase inicial do consumo. São estes os vários fatores que causalmente levaram, estas mulheres, à adição.

#### *Eu*

A experimentação de drogas pela mulher está sustentada na significação das suas vivências no mundo social. A utilização das drogas como forma de escape ao mundo real é o principal motivo de uso e consequentemente abuso. A “*high*” que qualquer uma das drogas dá é preferível à realidade em que as reclusas se encontram. No início, na experimentação, há uma falsa sensação de controlo sobre a droga. As reclusas confessam que era só uma atividade social, até que o deixou de ser. Parece haver, no entanto, um “efeito trampolim” proporcionado pela “experiência de droga” que promove uma evolução da condição aditiva.

O estado de espírito das mulheres *A priori* do consumo é de elevada importância, pois este funciona como impulsionador ou como travão. São as emoções e sentimentos do momento que definem a necessidade de consumo. As mulheres revelam que, na altura da experimentação, estavam a sofrer sentimentos mais negativos e que funcionou como motivador para o consumo. Isto acontece porque

haveria a possibilidade de modificar o estado de espírito e se sentirem melhor consigo mesmas.

*“(...)Então danada com ele, fui ao bairro, comprei mil escudos de heroína e fui a uma farmácia comprar uma seringa. Fui para casa sozinha, cheguei ao meu quarto e fiz exatamente o que eu vi o pai do meu filho fazer dezenas de vezes. Acertei à primeira. Fiquei a planar completamente. (...)” (ER6)*

Outro dos motivos de experimentação é a revolta contra as figuras de autoridade (e.g. pai). Muitas reclusas confessam que existiam diferenças consideráveis na relação com os progenitores. De acordo com os seus discursos, a mãe ou figura maternal é idealizadas com “anjo da guarda” e o pai ou figura paternal como “mau da fita” (e.g. ER6). O sentimento de revolta ou de impotência perante este, fez com que, como forma de afronta, começasse a consumir ou que este se agravasse. Temos como exemplo uma das reclusas (ER6), que revela que quando o pai a proibiu de ver o namorado, esta fechou-se no quarto e injetou pela primeira vez heroína. O sentimento de afronta e revolta funciona como um dos impulsionadores do consumo.

### *Os outros*

*“(...) Havia dois grupos: um que mal acabasse as aulas ia para a parte de trás fumar às escondidas e outro em que ficava na parte da frente a jogar à macaca. Eu juntei-me no grupo que ia para trás da escola. Então com 12 anos fumei o meu primeiro charro e comecei a tomar drunfos. (...)” (ER6)*

O começo do consumo nem sempre é só por incentivo próprio. As pessoas com que a mulher se relaciona, grupo de pares ou companheiros, são pontos essenciais para o início e continuação da vida de consumo. Por exemplo, há mulheres que tem um grupo de amigos que já consomem e isso desperta a curiosidade. Outras em que após conhecerem um companheiro, já com um histórico de consumo, se deixam persuadir por este e acabam por experimentar. Há também o contínuo consumo de drogas que é usado como meio de fortificar e manter a relação dos dois (e.g. ER6).

Desta forma, o grupo de pares revela-se um dos maiores impulsionadores à experimentação. Em todas as mulheres entrevistadas existia um contexto anterior ao abuso em que os amigos e colegas já eram adictos. Segundo Taylor (1998) e

Rosenbaum (1981), no "mundo das drogas" vive-se muito mais de uma vida de pares e de experiências diversificadas do que o mundo convencional (citado por Cardoso, 2004). Isto acontece muito na fase de iniciação, o grupo une-se e matem-se com o consumo.

Os relacionamentos amorosos são também um dos maiores impulsionadores ao consumo. A droga funciona como mais um ponto em comum e, numa primeira fase dos consumos, não é tão aparente o desequilíbrio na autoria da relação entre as duas partes, embora desde cedo sejam manifestos os indícios de que a reciprocidade entre eles depende da garantia do acesso às drogas.

A família não impõe grande influência no início do consumo. Há alguns casos em que a iniciação do consumo também é impulsionada pela família. O fraco e violento ambiente familiar impulsiona ao consumo como forma de escape (e.g. ER4). Ao mesmo tempo, nesta fase inicial do consumo, a maioria dos familiares ainda não está ciente do problema. A necessidade de esconder o consumo resulta da noção de que o que estão a fazer não é correto ou que não será bem aceite por estes. No entanto, não funciona como inibidor ou como travão para o consumo. Mais tarde os conflitos familiares, e alguns cortes relacionais que se dão entre estas mulheres e seus familiares, surgem direta ou indiretamente relacionados com a trajetória de consumos da mulher.

### *A droga*

Este ponto pretende funcionar como englobante do discurso produzido sobre as experiências pessoais vividas relacionadas com a droga: explicações que desenvolvem para explicar o "início" de consumo; vivência psico-sensorial do efeito das drogas e o modo de consumo.

De acordo com estudos feitos em populações masculinas (e.g. Baggio, 2015), o primeiro consumo de droga (e.g. cannabis), aumenta o risco para a experimentação de narcóticos com o efeito positivo semelhante vivenciados na primeira experiência. As experiências negativas são também uma preocupação, uma vez que foram associadas com o aumento do risco de usar drogas "mais duras" e ilícitas (e.g. heroína e cocaína). Nas mulheres deste estudo, esse primeiro contato vai de acordo com este autor. É também relevante mencionar que, segundo os relatos da experiência, a primeira experimentação de droga foi sempre positiva, quer na "leves" como nas "pesadas".



Se umas começaram com as drogas leves, como o haxixe e a cannabis (e.g. ER5), houve também mulheres que entraram logo pelas drogas pesadas, como a heroína (e.g. ER7). Elas mencionam também como método de consumo o fumado e o injetado, sendo que este segundo, de acordo com a amostra, só é utilizado em drogas pesadas. É de elevada importância o método de experimentação pois, segundo Scott E. Hadland et al. (2010), pode direcionar os métodos de consumo futuros.

*“(...) Senti um calor, assim uma comichão agradável e os pensamentos negativos esquecia-os. Na altura era a minha mãe, esquecia-me completamente de tudo isso. (...)” (ER2)*

A primeira experiência com a droga e o momento em que elas se encontram “*high*”, como já expliquei acima, define a continuação do seu consumo. Na amostra, as experiências positivas experienciadas passaram por vários sentimentos e estados de espírito bastante distintos. De acordo com os diferentes narcóticos, haviam diferentes sentimentos. As reclusas explicam que, com a heroína, na sua situação atual de vida não queriam sentir, não queriam pensar nos problemas e preferiam fugir à situação em que se encontravam (e.g. ER7). Os sentimentos e efeitos mais comuns são os de paz, de anestesia e de esquecimento dos problemas do dia-a-dia. Com a cocaína os sentimentos e sensações eram muito diferentes. As reclusas sentiam-se cheias de energia quando consumiam (e.g. ER2). A ansiedade e a euforia eram os principais sentimentos e há ainda relatos de adrenalina e êxtase.

Todos estes fatores funcionam como reforço positivo e como elemento causal para a continuação do uso e mais tarde abuso das drogas.

### **3.3 – Vidas de consumos**

Os discursos das mulheres acerca dos períodos de uso e “abuso” de drogas “duras” é explicado como uma fase complexa e penosa. Esta fase é definida com indicadores relacionados com o consumo regular e dependência física e/ou psicológica, referindo ainda a “ressaca”.

*“(...)A heroína é muito pior em relação à ressaca porque ao fim de 3 ou 4 dias já não consegue ser a mesma, já não temos a mesma atividade, começa doer o corpo, há mau estar físico, já não vontade, energia, vontade de viver (...)” (ER2)*

Após a experimentação na fase anterior, todas as mulheres entrevistadas, usam a “ressaca” provocada pela heroína como desculpa para consumir ou procurar mais. Ao mesmo tempo muitas das reclusas tinham consumos múltiplos como forma de contrariar e atenuar os sintomas das drogas. Se logo de manhã a reclusa tomava meia dose de heroína, mais tarde tornava-se necessário tomar uma ou duas doses de cocaína para contrariar os sintomas da primeira. Uma vez que a cocaína se trata de uma droga excitatória, tomada em simultâneo com a heroína anula a dormência provocada por esta, o mesmo acontece em vice-versa: para acalmar os sintomas excitatórios da cocaína as reclusas explicam que usavam uma dose de heroína. Isto agrava ainda mais a situação de adição uma vez que não é só a carência de *uma* droga, há uma necessidade de *várias* para que haja equilíbrio na “*high*”.

Com a dependência física/psicológica provocadas pelas diferentes drogas há uma necessidade de manutenção do consumo. Com a rápida dissipação dos meios económicos e com a degradação física provocada pelo consumo continuado, muitas das reclusas perderam os seus trabalhos ou acabaram por ser despedidas. No entanto, isto não impedia a continuação dos consumos. Muitas reclusas começavam a traficar droga (4 em 7 mulheres) a roubar e furtar (3 em 7 mulheres), a prostituir-se (3 em 7 mulheres) e/ou a pedir (1 em 7 mulheres). Este é sempre um período que elas relatam como conturbado e instável em que, para muitas, o mais importante era poder suportar financeiramente o consumo (5 em 7 mulheres). Contudo, há uma pequena percentagem de reclusas (2 em 7 mulheres) que definiam as prioridades de forma adaptativa primando pelos gastos nos bens essenciais (alojamento, alimentação e higiene) e, só após a satisfação das necessidades básicas, é que adquiriam estupefacientes (recorrendo a dinheiro próprio ou “empréstimos” potenciados por amigos ou traficantes). É importante referir que parte das reclusas (3 em 7 mulheres) é portadora de uma doença com o VIH, Hepatites ou outras relacionadas com o consumo de drogas pesadas. As recaídas e tentativas de reabilitação no período anterior à reclusão são comuns a toda a amostra. É também comum a existência de recaídas, resultando num círculo vicioso até ao ponto de encarceração. Por fim, o estado de reclusão não é novo para algumas reclusas. A reincidência é também um estado que acompanha estas mulheres (3 em 7 mulheres).

### *O tráfico de droga*

A venda de droga mostra-se como a atividade mais lucrativa, tendo em conta os problemas legais com as forças da autoridade (Polícia Judiciária e Guarda Nacional Republicana). Metade das reclusas que vendia droga acabou por deixar a atividade, segundo elas:

*“(...) A polícia começou a apertar, a marcar muito o meu sítio e eu parei uns tempos antes que fosse presa (...)” (ER4).*

Isto levou a que optassem por outras atividades como os roubos e furtos e/ou a prostituição. A outra metade fez da venda de estupefacientes profissão. As reclusas referem também que viviam alarmadas e receosas pelas constantes rusgas policiais às suas casas mas que com dinheiro ganho com a venda de droga, tinham uma vida financeira estável. Possuíam muitas vezes casa, carro e outros bens materiais que não se coadunam com o estereótipo de toxicodependentes. Consequentemente, esta atividade conduziu estas mulheres ao encarceramento.

### *Roubos e Furtos*

Os roubos e furtos são também uma das atividades de eleição para sustentar a adição. Muitas das reclusas confessam que para conseguirem fazer os roubos era necessário estar sob o efeito de cocaína:

*“(...) Estava de cabeça cheia (sob o efeito de narcóticos- cocaína), acabava o dinheiro e não havendo dinheiro, por causa da cocaína eu achava que não havia perigo, não tinha medo de nada, de vir presa, nada. (...)” (ER2).*

No decorrer dos roubos/furtos as reclusas admitem nunca fazer uso da força e da existência de um cúmplice, à exceção de uma que confessa fazer os crimes sozinha. As restantes mulheres descrevem-se como apenas ajudantes no crime: explicam que a ideia não partia delas mas de outrem que, nestes casos, era sempre um indivíduo do sexo masculino. Com a continuidade destas atividades, estas mulheres foram causalmente detidas, levando-as ao seu estado atual como reclusas.

### *Prostituição*

A prostituição define-se, de acordo com os discursos da amostra, como um tópico bastante sentimental, ao qual as reclusas se recusam a falar ou não pormenorizam. Elas falam de período “curtos”, com uma extensão de 4 meses a 3 anos, às quais se adiciona a vida de sem abrigo e a falta de higiene. É de salientar que o consumo de estupefacientes era ainda continuado e o principal motivador para a prática da atividade. Elas identificam este período como o pior e o mais vergonhoso. Descrevem os dias como acordar (já perto das 16 horas), tomar a dose (cocaína e/ou heroína) e de ir vaguear as estradas na procura de clientes. O negócio era simples: um sujeito pára o carro, abre o vidro, discutem o preço e acabam por ter relações sexuais nos carros dos sujeitos ou em casas/edifícios abandonados. No final, para além da renumeração do serviço, era comum ser solicitado um contributo extra para alimentação. Isto acontecia porque a renumeração obtida tinha já definido o seu propósito: droga. A prostituição era vista como último recurso para obter rendimento que sustentasse o consumo de estupefacientes:

*“Não (arranjava emprego) porque eles viam logo pela boca (mostra a boca sem dentes e os que tem estão estragados). Apercebiam-se logo.” (ER4)*

Ao viver nas ruas e com um estado físico degradado causado pelo consumo de drogas pesadas, as reclusas confessam que era impossível arranjar emprego. Na parte final deste período, elas relatam que o início de uma relação amorosa ou a tentativa de reabilitação as impulsionaram a abandonar a prostituição. A ajuda da família ou companheiros amorosos parece ser fundamental para finalizar este intervalo uma vez que as ajudavam monetariamente, deixando de ser fundamental a procura de dinheiro.

### *Mendicidade*

*“(...) Eu consumia todos os dias heroína e cocaína. Andava a pedir nas ruas até meus 22 anos (...)” (ER7)*

Apenas uma das reclusas relata mendigar nas ruas (ER7). Segundo esta, deslocava-se na rua com a filha recém-nascida ao colo enquanto mendigava. No entanto, ela continuava a viver em casa da mãe com a filha e, a mãe, estava ciente do abuso de drogas. As esmolas serviam apenas como forma de sustentar o consumo. Ela relata também que, após a Segurança Social lhe ter retirado a filha, foi obrigada a fazer uma reabilitação. Após ser internada num centro, a reabilitação foi bem-sucedida

resultando no abandono das drogas e consumos. Aqui, a reclusão foi resultante de, num período posterior, a reclusa ter optado pela venda de estupefacientes. Isto foi originado pelo envolvimento amoroso com um sujeito que era consumidor e ao mesmo tempo traficante de drogas. Ao longo de 3 anos, o tráfico de droga serviu de sustento até ser presa pela polícia.

### *Doenças*

*“(...) Pesava 42kg, toxicodependente e com VIH (...)” (ER6)*

Outro dos problemas da dependência de drogas é a transmissão de doenças como o HIV, Hepatites e outras enfermidades. A transmissão das diferentes doenças teve por base a reutilização de seringas e as relações sexuais desprotegidas com parceiros portadores. Sabemos que determinadas reclusas recorriam ao consumo de estupefacientes pela via venosa e, segundo as mesmas, era raro ter acesso a seringas esterilizadas. Isto resultou na reutilização e partilha de seringas levando à transmissão das doenças. Nas relações sexuais também era raro o acesso a métodos contraceptivos como, por exemplo, o preservativo. Ao mesmo tempo, algumas das reclusas confessam não ter conhecimento de que o companheiro era portador. Algumas mulheres referem que os parceiros omitiam serem portadores de VIH e/ou Hepatites e só confessavam depois de as infetar quando confrontados. Devo ainda referir que, apesar de haver períodos de prostituição, as reclusas confessam não terem sido infetadas por isso.

### *Tentativas de reabilitação e recaídas*

*“(...) A minha medida de coação foi ir para uma comunidade terapêutica (...) quando saí dali, voltei para casa e voltei ao mesmo. (...)” (ER3)*

As mulheres falam das tentativas de reabilitação como pontos positivos no seu percurso. Muitas recorreram a centros ou comunidades terapêuticas e, com a ajuda da família e/ou amigos/companheiros conseguiram superar o vício, mesmo que num espaço de tempo relativamente curto. De acordo com os discursos, as fases de sobriedade estão inseridas num intervalo de 4 meses a 4 anos. São épocas da vida das reclusas que passam pela substituição dos opiáceos (heroína) por metadona ou, posteriormente, pela substituição das drogas pesadas por drogas leves (canábis/THC)

e/ou legais (álcool). Caracterizam-se por períodos estáveis em que há reconciliação com a família/amigos/companheiro e estabilidade financeira. Nas recaídas há a volta ao consumo e consequentemente à “vida da droga” e a tudo que esta acarreta. Os principais motivos para a recaída são: o relacionamento amoroso com sujeitos toxicodependentes, a socialização com o grupo de pares toxicodependentes ou acontecimentos marcantes, como por exemplo, o despedimento. Estes não são independentes uns dos outros sendo que podem acontecer em simultâneo. A reabilitação e a recaída estão presentes e marcam um ciclo vicioso.

### *Reincidência e reclusão*

*“(...) A primeira vez aguentei-me bem. Agora desta vez custa mais... Apanhei 15 anos. (...)” (ER5)*

Este revela-se também com uma das consequências do consumo continuado de estupefacientes. Com o objetivo da procura de dinheiro para suportar o consumo, muitas reclusas confessam não ser a primeira vez que lhes foi confinada a liberdade. Com o tráfico de droga e outros crimes cometidos é comum a reincidência. Normalmente são crimes menos graves, com sentenças mais curtas que criam cadastro e agravam a pena atual.

## **3.4 – Reclusão: Reabilitar, Recair e Desiludir**

### *Reabilitar*

*“(...) Nos 15 dias que estive nos clínicos davam-me comprimidos e coisas para as dores fortes, para os espasmos. (...)” (ER3)*

Com a reclusão vem, obrigatoriamente, a reabilitação e, contrariamente às tentativas anteriores, há uma monitorização pelos serviços médicos prisionais. Segundo as reclusas, o período de desintoxicação, após entrada na cadeia, é bastante breve durando apenas entre 1 a 2 semanas. As reclusas ficam nos Serviços Clínicos e fazem substituição de opiáceos (heroína por metadona) e qualquer outra medicação necessária à sua reabilitação (e.g. ansiolíticos) sendo sempre supervisionadas por uma equipa médica. De acordo com os discursos, após este período, é confiado à reclusa a continuação da sua reabilitação dentro do Estabelecimento Prisional, podendo na mesma ser acompanhada de medicação.

### *Recair*

*“ (...) É muito tempo fora da sociedade e depois pensas o que ainda falta e pronto, vai um charro para acalmar. (...) ” (ER5)*

O que também é comum são as recaídas. As reclusas corroboram os boatos sobre a circulação de drogas e outros itens dentro da prisão. De acordo com isto, são apenas duas as mulheres que confessam ter recaído na atual fase de reclusão, mas só uma fala em pormenor sobre o sucedido (ER5). As recaídas foram causadas pelo consumo de Haxixe/Canábis. Elas contam que há exames de despiste todos os meses e que os números das reclusas são escolhidos ao acaso. Infelizmente para estas duas mulheres os resultados foram positivos nos exames. Ambas eram reclusas com bom comportamento, resultando em benefícios como sair da cadeia sem algemas e ir a faculdades e locais diversos para dar palestras sobre a sua vida. Com a recaída esses benefícios foram perdidos.

### *Desiludir*

*“ (...) Desiludi muita gente ao voltar a fumar, andava aí sem algemas. Deram-me esse voto de confiança e desiludi muita gente. Mas há momentos em que pensas que isto é difícil, não é fácil. (...) Passado uns dias fui chamada e pronto, para o castigo outra vez. (...) ” (ER5)*

Estas mulheres falam das relações que construíram dentro da prisão e das Alas. Foi criada uma afinidade com as restantes reclusas, as guardas e pessoal dos outros serviços. Foi dado um voto de confiança que, com a recaída, foi quebrado. Os benefícios foram anulados e as reclusas passam pelo “castigo”, que é dado de acordo com a ofensa. Elas revelam que este foi um momento de grande impacto sentimental e que não só desiludiram os outros, como elas próprias. Elas explicam que foi num momento de fraca lucidez e *stress*, devido à encarceração, e que na altura pareceu o mais acertado. Após o incidente as reclusas relatam não querer cair no mesmo erro e têm como objetivo voltar ganhar a confiança das pessoas que as rodeiam no meio prisional.

## **3.5 – O presente e o futuro**

A toxicodependência e o estado abusivo de drogas é ainda uma parte marcante na vivência atual destas mulheres. Após a reabilitação a que são obrigadas

dentro do Estabelecimento Prisional, surge uma adaptação a esta realidade de encarceramento e privação de liberdade. Confessam não ser a situação ideal e, de uma maneira geral, são poucas as que conseguem lidar de uma forma adaptativa ao meio prisional. As perspetivas futuras resultam como um meio de estabilidade emocional e são descritas como uma possibilidade de, finalmente, obter uma vida normativa.

### *Presente*

*“(...) Eu estou aqui à 4 meses e parece 4 anos. (...)” (ER5)*

Todas as mulheres entrevistadas concordam que a vida na prisão não é fácil. Algumas relatam que passam fome, outras que não têm dinheiro mas a principal crítica é o abalo emocional que o contexto tem sobre elas. Para quem estava acostumado a uma vida do outro lado, a conjuntura prisional tem um impacto muito grande na saúde psicológica destas mulheres. Algumas revelam que sofrem de depressão ou de episódios depressivos/ansiedade. Sem apoio presente da família e amigos/companheiro torna-se complicado lidar com estes problemas. Elas revelam bastante instabilidade emocional que, segundo as mesmas, piorou com a reclusão. Como forma de aliviar a tensão e passar o tempo, as reclusas explicam que arranjam amigas, fumam cigarros, conversam com as guardas, vão à escola ou trabalhar: algo que sirva para passar o tempo. Quando têm dinheiro também optam por ligar a familiares e amigos. No entanto, explicam que é sempre penoso mas que acaba por funcionar como uma lição. Todas revelaram não querer repetir os mesmos erros: não querem voltar aos consumos e não querem voltar à prisão.

### *Futuro*

*“(...) Se eu vir que não me está a fazer bem (a relação amorosa atual) ou que eu vejo que continua, pronto, não sei... é que não quero fumar droga nenhuma outra vez. (...)” (ER1)*

As perspetivas futuras, uma vez já reabilitadas, passam pelo reencontro com familiares e pela reconstrução de uma vida estável em todos os contextos. Os filhos parecem ser o principal alvo de reconciliação na vida destas mulheres. Elas relembram os erros cometidos no passado e falam na necessidade de compensar o tempo perdido com a reclusão. A (re)construção da relação maternal é um dos fortes



motivadores para a continuação da sobriedade e para a construção de perspectivas futuras positivas. Há casos de reclusas que possuem companheiros toxicodependentes e elas esclarecem que se existir necessidade de findar a relação para não existirem recaídas, que assim o farão.

*“(...) Hei de ser velhinha e ir ao Aleixo buscar para fumar um caneco (...).” (ER6)*

Embora haja drogas mais perigosas do que outras (Drogas Leves vs Drogas Duras) e que criam dependência mais grave é de salientar que, para estas mulheres, as drogas leves não são assumidas como droga. As drogas leves, como canábis, não têm como efeito secundário a dependência física e são relativamente seguras. As reclusas assumem que têm controlo no seu consumo. Com isto, são várias as mulheres que admitem que após a reclusão existe uma grande possibilidade de haver um consumo continuado de drogas leves. Elas explicam que os consumos de haxixe ou cannabis não vão servir como *gateway*<sup>2</sup>. Em suma, as expectativas estão em volta de uma vida normativa, contrariando o passado e afastando a possibilidade de reincidência no mundo da droga.

---

<sup>2</sup> São drogas de entrada. Casualmente são definidas como drogas leves e que servem como impulsionador para o mundo da toxicodependência.

## Capítulo 4 – Discussão dos resultados

Neste ponto iremos apresentar o processo inferencial desenvolvido a par com a interpretação dos dados empíricos, procurando integrar elementos teóricos relevantes - "*making sense of what has been learned*"<sup>3</sup> (Denzin, 1998, p. 313). Para uma melhor compreensão, decidimos dividir este capítulo por diferentes dimensões de vida: Família e Relações de Intimidade, Escola e Educação, Trabalho e Emprego, Saúde e Bem-estar, e Desenvolvimento e Inclusão Social. Procuramos, nesta fase fazer "inferências e interpretações" sustentadas no discurso das mulheres que contribuem para o conhecimento e compreensão das suas trajetórias de consumos. De acordo com o tema, utilizamos por base a discriminação de género e procuramos analisar os processos de diferenciação social baseados nos pressupostos e estereótipos das diferenças sexuais entre homens e mulheres.

De forma a responder à nossa questão de investigação, o modo como os papéis de género se inserem com os significados dos consumos, nas trajetórias das mulheres, foi-se evidenciando ao longo do nosso trabalho de investigação. Este estudo corrobora a perspetiva de que a mulher tem tido uma presença no percurso das drogas mais autodeterminado, de acordo com as suas próprias motivações e decisões. Ou seja, a utilização de drogas consiste um ato de significação para a mulher que lhe proporciona, de diversos modos, afirmar-se autor da sua experiência. A entrada no mundo dos consumos funciona como espaço de fuga aos constrangimentos de género, dominantes na trajetória de vida destas mulheres no mundo convencional. Procuramos aqui modificar a história da invisibilidade e da construção de imagens estereotipadas relacionadas com a ideia de que a mulher delinquente é vítima do seu passado, do seu ambiente e, principalmente, da sua condição feminina (Hoyt & Schererz, 1998).

### *Família e Relações de Intimidade*

As relações tumultuosas com os outros, de acordo com os relatos das reclusas, são um dos principais pontos a sublinhar no decorrer do seu percurso. Quer seja com os pais, amigos ou companheiros, há sempre pontos de atrito nestas afinidades que fogem do convencional. É bastante comum associarmos a rebeldia aos rapazes mas há aqui o corte com essa singularidade: passamos a associar também o adjetivo às mulheres que procuram contornar ou quebrar as regras associadas ao género

---

<sup>3</sup> "fazendo sentido do que tem vindo a ser aprendido"

feminino. Os estereótipos de género como passiva, doméstica e maternal (Smart, 1976) é aqui negada com a obstinação, teimosia e rebelião que estão associadas ao primeiro contato com as drogas. A mulher afirma-se como uma pessoa autónoma, com opinião e capaz de escolher o seu caminho sem ser ditada ou controlada por outrem, mesmo sendo num percurso como o da toxicodependência.

Há aqui uma fuga constante ao “ideal de mulher”. O mundo das drogas e a decadência, que lhe é inerente, passa para estas mulheres toxicodependentes e torna-se complexo criar relações duradouras e de qualidade. As reclusas queixam-se da falta de amizades e não consideram as “pessoas da droga” amigos. A complexidade em fazer amizades funciona também como contraditor de estereótipo. A noção de que as mulheres são bastante *outgoing* e que são naturalmente capacitadas pela facilidade em criar laços de afinidade é aqui falsificada. É claro que são diversos fatores, relacionados com o consumo, que resultam na fobia social e na incapacidade de criar relações mas estes finalizam na quebra deste estigma.

A família é muita vezes um dos únicos apoios e, em alguns casos, esta acaba também por abandonar a mulher. Várias reclusas revelam que o cansaço e a angústia de as ver declinar levou ao afastamento. No entanto, com os filhos, as reclusas revelam ter mais mágoa e tormenta. O mal provocado nestes e a desilusão, é sofrida pela mulher com maior pesar do que se tivesse magoado os pais, amigos ou companheiro. A noção da mulher como mãe e progenitora é aqui bem marcada mesmo com todos os desvios ao género associado ao consumo de drogas. Ao mesmo tempo, as reclusas revelam que os pais acabam também por perdoá-las sistematicamente e acreditam sempre na sua recuperação. Isto pode acontecer apenas pela expectativa dos pais na recuperação, mas achamos que pode estar relacionada com a possibilidade de ter a filha ideal:

*“(...) nesse dia eu fui uma menina bem comportada, pacífica. Só queria mimos! Fazia festinhas há minha mãe e ela a mim. Nessa tarde fui a filha perfeita que eles sempre quiseram (...)” (ER6).*

Este ideal está mais uma vez associado à noção de género do que é ser mulher, passando pela perfeição, pelo carinho para com os outros, pela noção de pacificidade.

Os companheiros e amigos, de acordo com os discursos da amostra, revelam ser um dos principais impulsionadores do consumo. É raro a mulher escolher, sem qualquer tipo de influência, consumir pela primeira vez. Isto vai de acordo com os estereótipos de género no sentido em que a mulher é altamente influenciável e age de acordo com a vontade dos outros. No entanto, isto só acontece nas primeiras vezes do consumo

de estupefacientes e/ou em recaídas; nas restantes, a mulher usa e abusa porque quer e/ou necessita físico-psicologicamente mas a ideia tem iniciativa da própria. Aqui, estas mulheres revelam-se como autoras da sua própria experiência, elas escolhem como direccionam a sua vida contrariando duplamente a noção geral do género: tornam-se elementos ativos da sua vida e optam por um percurso desviante. A fuga ao percurso normativo e à passividade funciona também como elementos de provocação à figura de autoridade paternal, resultando num ataque triplicado à noção estereotipada de género.

### *Escola e Educação*

Todas as reclusas admitem ter frequentado a escola. Esta é uma instituição que se caracteriza como uma unidade básica do conhecimento e aprendizagem numa fase inicial da vida e, tanto rapazes como raparigas, são obrigados a frequentá-la. Contudo, as expectativas sociais em relação a um e outro são diferentes: é socialmente mais aceite o fracasso escolar nos rapazes do que nas raparigas, ao mesmo tempo, as raparigas aceitam melhor, do que os rapazes, as ordens dos professores e outras figuras de autoridade. As mulheres desta amostra não coadunam com este ponto. Apenas uma das mulheres revela ter o ensino superior e mesmo assim, não foi feito dentro dos anos estabelecidos, havendo várias reprovações (e.g. ER3). As restantes mulheres admitem ter desistido da escola numa idade precoce e revelam que, para além da falta de determinação, o insucesso escolar foi também decisivo para o seu abandono. A falsa noção de que as mulheres devem ter mais sucesso na escola do que os rapazes é, mais uma vez, aqui quebrada com o apoio deste estudo. As reclusas revelam ainda que a relação com os professores era inexistente ou bastante fraca. De acordo com o percurso desviante ou por outros motivos (instabilidade familiar e económica), as reclusas deixaram eventualmente a escola sendo obrigadas a trabalhar e arranjar dinheiro para suportar o vício. Este ponto vai mais uma vez ao encontro da falsa noção de pacifismo e dá às mulheres a possibilidade de poder fugir do pináculo da perfeição.

### *Trabalho e Emprego*

Já desde a Revolução Industrial que o direito ao trabalho se tornou algo comum aos dois sexos. No entanto, há ainda marcada a ideia, principalmente nas

peessoas mais velhas, da mulher como apenas dona de casa, mãe e dependente. Estas reclusas admitem ter tido vários empregos ao longo da vida, o que só por si, já vai contra esta falsa crença. Apesar de já ser socialmente aceite, é ainda complexo para muitos ver a mulher como trabalhadora, o que resulta em várias diferenças, principalmente salariais. Para agravar ainda mais o desvio à norma estereotipada do género feminino no mundo do trabalho, temos de salientar que a maior parte destas reclusas optou por fontes de rendimento ilegais. De acordo com os discursos, o tráfico de droga, a prostituição e os roubos são três das principais fontes de sustento. Não só a mulher se distancia das ideias fixadas do patriarcado por ter rendimento próprio, como também opta pela ilegalidade do tipo de trabalho que executa. Este duplo desvio afasta-a dos padrões normativos do que é ser mulher e abre o leque de diversidade e heterogeneidade do género feminino.

É comum as mulheres obterem emprego mais facilmente em cargos de menor estatuto em relação aos homens. Numa fase inicial do consumo, estas reclusas não revelam dificuldade em arranjar trabalho e os cargos iam de acordo com esta crença (e.g. empregada de mesa/bar). Numa fase final, após longos períodos de consumo, torna-se complexo arranjar qualquer tipo de emprego legal devido à decadência física e psicológica provocada pelas drogas. Isto estreita em demasia as opções legais, levando-as a ponderar e, por fim, escolher formas de sustento ilegais.

O tráfico de droga e o crime são marcados pela presença masculina e estão associados a traços como a brutalidade, a impulsividade e insensibilidade perante o outro. As mulheres da amostra admitem, nos seus relatos, a impulsividade nos assaltos e roubos mas não assumem características como a brutalidade ou insensibilidade: uma das reclusas admite que, nos sequestros que fazia, não usava a força, que maioritariamente só observava e que a sua presença funcionava apenas como forma intimidatória. Há aqui concordâncias e paralelismos para com os preconceitos de género: por um lado a mulher adota uma característica tipicamente masculina, como a impulsividade, para efetuar os roubos; por outro ela procura manter empatia para com as vítimas, sem nunca as desumanizar e procura nunca fazer uso da força física. Elas explicam que o crime era justificado apenas como forma de viabilizar o consumo, não havia sentimentos de apreciação pelo ato em si. Isto indica que a motivação seria apenas o consumo e que a impulsividade pode ser justificada pelo efeito das drogas e não pela necessidade de adotar características masculinas para seguir pelo caminho desviante.

A prostituição é um desvio conhecido socialmente como tipicamente feminino e, de acordo com as entrevistas, muitas destas mulheres procuraram, em algum ponto da sua vida de consumos, trabalhar como prostitutas. O que interessa aqui focar é que

para duas das reclusas (ER1 e ER4) este é um período de vergonha e auto discriminatório, tanto que preferem não abordar o assunto em pormenor. Ser renumeradas pelo ato sexual é visto como algo impróprio e desonesto, que vai de encontro às crenças da mulher virgem e pura, ensinada nas diversas literaturas religiosas. Este estereótipo de que a prostituição é impura e desonrosa causa sentimentos negativos nestas mulheres resultando numa carga moral bastante penosa. Por outro lado temos também mulheres que admitem não ter vergonha ou qualquer tipo de sentimento negativo relacionado com o que faziam. Elas explicam que a prática sexual em troca de dinheiro foi dos melhores períodos no longo percurso do consumo de estupefacientes: elas conseguiam ganhar dinheiro suficiente para suportar o consumo, um quarto e a sua higiene básica. Estas mulheres estão em sintonia com a crença da prostituição ser um crime feminino, no entanto nem todas partilham a visão auto-discriminatória assente em crenças religiosas.

#### *Saúde e Bem-estar*

As normas sociais descrevem a mulher como um ser bonito e feminino e, está inerente à mulher o gosto pela manutenção de uma aparência jovem e saudável, o gosto de cuidar da sua aparência física. Podemos dizer que o senso comum descreve a mulher como vaidosa e cuidada. Com a dependência e a longevidade do abuso de vários narcóticos, é comum a todas estas reclusas uma aparência degradada e falta de interesse no seu aspeto, que joga em contradição com o supracitado. As reclusas não demonstram fisicamente concordância com a feminilidade e uma destas mulheres opta até por um estilo masculinizado (ER2). Outro problema associado ao consumo são as doenças infecciosas (VIH e Hepatite). Estas contribuem para um maior desgaste e estrago físico e contradiz ainda mais como as normas sociais descrevem a mulher. Isto funciona como contradição ao estereótipo de feminilidade da mulher e da sua natureza cuidada, alargando o espectro da diversidade feminina mesmo sendo num contexto desviante como o do mundo da droga.

#### *Desenvolvimento e Exclusão Social*

Em relação ao seu desenvolvimento no mundo social estas mulheres são vistas como *outcast*, ou seja, elas são excluídas da sociedade por pertencerem a um grupo desviante, não só pelo seu consumo mas também pela reclusão. Se focarmos

no período de consumos, podemos ver que até a própria família as excluí. Muitas reclusas relatam perder amigos ou familiares (e.g. irmãos), que ao longo do tempo se foram afastando. O consumo de estupefacientes minimizou-as a apenas drogadas, perdendo o caráter de filha, irmã ou amiga. De acordo com a sua situação, estas mulheres criaram um carácter adaptável e ativo.

Segundo estudos efetuados anteriormente (e.g. Shaffer, 1994) as raparigas são mais cuidadosas e correm menos riscos que os rapazes em situações incertas ou perigosas, no entanto, todas estas mulheres contrariam esta ideia com as suas histórias de vida. O seu desenvolvimento foi marcado por riscos e perigos, inerentes ao consumo, e que as tornaram em pessoas singulares e com experiências de vida únicas, afastando-as de quase todos os estereótipos associados ao seu género.

Em suma, e de acordo com a nossa questão de investigação, estão marcados, ao longo dos diversos percursos de consumo, a influência dos estereótipos associadas ao género feminino. Na sua maioria, existe uma contradição a estas falsas crenças, que nos levam a crer que todas as mulheres são iguais. As mulheres desta amostra não só contrariam os estereótipos como também criam novas formas de viver e ser, dentro do conceito de mulher. A verdade é que a droga acaba por funcionar como um ato de significação para a mulher que lhe oferece, de diversos modos, declarar-se como autora da sua experiência. Consideramos ter conseguido, portanto, contribuir para modificar a história da invisibilidade e da construção de imagens estereotipadas relacionadas com a ideia de que a mulher delinquente é vítima do seu passado, do seu ambiente e, principalmente, da sua condição feminina. Sobretudo, tentando alargar a visão do que é ser feminino, do que é ser mulher. Fugimos da visão minimalista, e essencialista, que se associa à mulher tentando procurar atingir uma maior igualdade de género.

## Conclusão

Primordialmente, o objetivo desta dissertação de Mestrado centrou-se no estudo dos discursos sobre toxicodependência e as suas significações na vida da mulher.

Os principais resultados do nosso estudo foram organizados por tema decorrentes da Análise Temática (Braun & Clarke, 2006, 2013). Emergiram, assim, cinco temas principais: 1. Percursos de violências familiares; 2. Eu, outros e as drogas; 3. Vidas de consumos; 4. Reclusão: Reabilitar, Recair e Desiludir; e 5. O presente e o futuro.

Estes temas principais refletem as grandes dimensões de vida e denotam a semelhança, ao nível destas grandes áreas, entre os percursos normativos e descritos na literatura desenvolvimental. Entre estes encontram-se a Família e Relações de Intimidade, Escola e Educação, Trabalho e Emprego, Saúde e Bem-estar, e Desenvolvimento e Inclusão Social. De uma forma resumida e de acordo com a nossa questão de investigação, observamos a aproximação e sobreposição de padrões de comportamento e de ações, no "mundo das drogas", entre homens e mulheres, tal como acontece noutras experiências pessoais e percursos de vida. Com a observação dos resultados conseguimos também perceber que a entrada no mundo dos consumos funciona como um primeiro movimento de afastamento do "ideal de feminilidade", configurando-se como espaço de fuga aos constrangimentos de género, dominantes na trajetória de vida destas mulheres no mundo convencional.

Com estes resultados podemos concluir que é um erro atribuir que todas as mulheres têm obrigatoriamente muito mais em comum umas com as outras do que com os homens, simplesmente porque são mulheres. É altamente provável que estas mulheres toxicodependentes tenham mais em comum com homens toxicodependentes do que com as mulheres que tiveram um percurso "normativo". O género não pode funcionar como um elemento de generalização: não devemos assumir que o grupo das mulheres e dos homens é todo igual dentro de si. Ao mesmo tempo, não devemos assumir as diversas características físicas e psicológicas existentes como tipicamente masculinas ou femininas. Tal como presenciamos neste estudo, existe uma grande diversidade e características que, erradamente, estão associadas aos homens mas são assumidas por estas mulheres.

De futuro, era interessante desenvolver mais o tema da "Mulher e o Desvio" através de teorias afastadas das categorias biológicas. O fato de não existir muita investigação, de ser um tema dominado pelos homens e do desvio na mulher ser associado a doenças e à tentativa de "masculinização" faz com que existam falhas na



percepção do fenómeno. Ao afastarmo-nos destes conceitos poderemos obter dados mais próximos das experiências de vida concretas destas mulheres, e que, assim, espelhem e expliquem o fenómeno de uma maneira mais ampla.

## Bibliografia

- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*. Porto: Afrontamento.
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5<sup>th</sup> Ed.). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Baden, S. & Goetz, A. M. (1997). Who needs [sex] when we can have [gender]? Conflicting discourses on gender at Beijing, *Feminist Review*, 56, 3-25.
- Baggio, S., Henchoz, Y., Studer, J., Deline, S., N'Goram, A., Mohler-Kuo, M., & ... Gmel, G. (2015). Cannabis use and other illicit drug use: do subjective experiences during first cannabis use increase the probability of using illicit drug?. *Journal of Substance Use*, 20(4), 234-238.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C. (2012). *III Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral (General Population Survey on Drugs)*. Lisboa: CESNOVA, FCSH, UNL.
- Braun, V. & Clark, V. (2006). Using thematic analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Braun, V. & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research – a practical guide for beginners*. Los Angeles: SAGE Publication.
- Bourdini, G. S. & Sperb, T. M. (2012). *Sexual Double Standart: A review of the literature between 2001 and 2010*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Cabral, J. (1998). 1º Seminário de Investigação em Ciências Sociais e Humanas Sobre o Consumo de Drogas. A droga vista de fora: Algumas considerações gerais. *Toxicodependências*, 2, 3-4.
- Cardoso, S. M. (2004). *Mulheres Toxicodependentes: O Género Na Desviância* [Dissertação de Doutoramento não publicada]. Porto: Universidade do Porto.
- Cruz, O. S. (2016). Abuso de drogas. In R. L. Maia et al. *Dicionário crime, Justiça e Sociedade*. (pp. 10-11). Lisboa: Edições Sílabo

- Cunha, M. I. (1994). *Malhas que a reclusão tece: Questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa: Gabinete de estudos Jurídico-Sociais do Centro de Estudos Judiciários.
- Cunha, M. I. (2002). *Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajetos*. Lisboa: Fim de século.
- Dahl, T., & Snare, A. (1978). The coercion of privacy. In C. Smart (Eds.), *Women, sexuality and social control* (pp. 8-13). London: Routledge & Kegan Paul.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S., (Eds.). (1998), *Collecting and interpreting qualitative materials* (pp. 313-344). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ferreira-Borges, C. & Filho, H. (2004). Usos, Abuso e Dependências – Alcoolismo e Toxicodependência. Lisboa: Climepsi Editores.
- Gagnon, J. H. & Simon, W. (1973) *Sexual Conduct: The Social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine.
- Griffith, E. et al. (1994). *The Nature of Drug Dependence*. Oxford: Oxford University Press
- Hadland, S. E., Kerr, T., Marshall, B. D. L., Small, W., Lai, C., Montaner, J. S., & Wood, E. (2010). Non Injection Drug use Patterns and History of Injection among Street Youth. *European Addiction Research*, 16(2), 91-98.
- Hoyt, S. & Scherer, D. (1998). Female Juvenile Delinquency: Misunderstood by the Juvenile Justice System, Neglected by Social Science. *Law and Human Behavior*, 22, 81-107.
- Jones, S. & Hostler, H. (2002). Sexual Script Theory: An Integrative Exploration of the Possibilities and limits of sexual self-definition. *Journal of Psychology and Theology*, Vol. 30, Nº2, 120-130
- Larrauri, R. (Ed.). (1994). *Mujeres, derecho penal e criminologia*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores.
- Lombroso, C. & Ferrero, G. (1895/1996). The criminal type in women and its atavistic origin. In J. Muncie, E. McLaughlin & M. Langlan (Eds.), *Criminological perspectives. A reader* (pp. 29-33). London: Sage Publications.

- Macedo, E. (2006). Representações sociais do toxicodependente, *Revista Sinais Vitais*, 89, 18-21.
- Matos, R. (2006). *Vidas raras de mulheres comuns: Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. [Dissertação de Doutoramento não publicada]. Braga: Universidade do Minho.
- Nogueira, C. (2001a). Construcionismo Social, Discurso e Género, *Psicologia*, XV(1), 43-64.
- Nogueira, C. (2001b). Feminismo e discurso do género na psicologia Social. *Psicologia e Sociedade*, 13(1), 107-128.
- Nogueira, C. (1997). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspetiva feminista crítica na Psicologia Social* [Dissertação de Doutoramento não publicada]. Braga: Universidade do Minho.
- Nogueira, C. & Saavedra, L. (2007). Estereótipos de género. Conhecer para os transformar. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oakley, A. (1972). *Sex, Gender and Society*. London: Temple Smith.
- Rafter, H. & Heidensohn, F. (2002). The development of feminist perspectives on crime. *Criminology: A Reader*.
- Reiss, I. L. (1956). The double standard in premarital sexual intercourse: A neglected concept. *Social Forces*, 34, 224–230.
- Reiss, I. L. (1960). *Premarital sexual standards in America*. New York: Free.
- Reiss, I. L. (1961). Standards of sexual behavior. In A. Ellis & A. Abarbanel (Eds.), *Encyclopedia of sexual behavior* (pp. 996–1004). New York, NY: Hawthorn Books.
- Reskin, B. & Padavic, I. (1994). *Women and men at work*. London: Pine Forge Press.
- Shaffer, D. R. (1994). *Social and Personality Development*. California: Brooks/Cole Publishing Company.
- Smart, C. (1976). *Women, Crime and Criminology*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Stoller, RO. (1968). *Sex and Gender*. New York: Hogarth Press.

- Unger, R. K. (1990). Imperfect reflections of reality: psychology constructs gender. In R. Hare-Mustin & J. Marecek (Eds.) *Making Difference. Psychology and the construction of gender*. New Haven, CT: Yale University Press
- Vieira, C., Nogueira, C. & TAVARES, TERESA (2009). Género e Cidadania in Comissão para a cidadania e Igualdade de género. Guião de Educação – Género e Cidadania – 3º Ciclo (pp. 19-60). Lisboa: CIG.
- Whynot, E. M. (1998). Women who use injection drugs: the social context of risk. CMAJ: Canadian Medical Association Journal = Journal De L'association Medicale Canadienne, 159(4), 355-358.
- Willig, C. (2001). *Introducing qualitative research in psychology: Adventures in theory and method*. Buckingham: Open University Press.

## **Anexos**

## **Anexo 1. Guião de entrevista**

- 1- Vou-lhe colocar algumas questões muito pessoais, nomeadamente sobre o seu percurso pelo mundo das drogas. Vamos tentar fazer isto cronologicamente, vamos começar pela sua infância.”
  - (a) Relação com os pais e restante família; episódios mais marcantes; adaptação à escola; grupo de pares, vizinhos e comunidade.
- 2- E a sua adolescência?”
  - (a) Momentos mais marcantes; possivelmente o 1º contacto com a droga; não completou os estudos motivado por X; grupo de pares; começo de alguma atividade laboral.
- 3- Tinha falado que começou a consumir devido a X, pode-me falar mais sobre isso?
  - (a) Quais foram as drogas que já consumiu?
  - (b) Qual a que prefere?
  - (c) Foi nesse momento que começou a consumir a sério?
  - (d) Qual é a droga que prefere e porquê?
  - (e) Como arranjou a droga?
  - (f) Onde é que consumiu?
  - (g) Como é que consumia?
  - (h) Qual era sensação depois do consumo?
- 4- Não lhe cheguei a perguntar mas tem filhos?
  - (a) Consumiu durante a gravidez?
  - (b) Já consumiu à frente deles?
  - (c) Eles sabem do consumo?
  - (d) Qual é a opinião deles?”
- 5- Os seus pais sabem que se droga/drogava?
  - (a) O que é que eles acham disto?
  - (b) O que é que lhe dizem?
  - (c) Acha que influenciou a relação que tem com eles?
  - (d) A opinião dos que a rodeiam influenciou-a de alguma maneira para deixar/continuar o consumo?
- 6- De que crime é que foi acusada para estar aqui a cumprir pena?
  - (a) O que é que a levou a fazer X?
  - (b) Estava relacionado com o consumo da droga?
  - (c) Já tinha sido julgada por mais algum crime? Se sim, qual?
- 7- Sei que continua/parou com o consumo. O que é que é a droga para si?

- (a) Qual é o papel desta para si? Se continua com o consumo, pretende acabar com o consumo?
- (b) Já fez reabilitação?

**Para finalizar**

Como se sentiu durante a entrevista?

Por fim, gostaria só de saber se tem mais alguma coisa acrescentar?



## **Anexo 2. Declaração de Consentimento Informado**

### **Declaração de consentimento**

Confirmo que fui convidado e que aceito participar na dissertação de Mestrado de Mariana de Sousa Pereira, aluna da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O mesmo estudo tem como objetivo perceber a influência dos diferentes percursos de vida e a relação da pessoa com as drogas.

As suas respostas serão gravadas e totalmente confidenciais, sendo que o seu nome não será mencionado nesta entrevista, assim como nunca será relacionado com nenhuma das informações dadas.

Destaco ainda que não tem que responder a nenhuma pergunta que não queira e pode terminar esta entrevista quando quiser.

Agradeço a participação neste estudo respondendo às minhas questões.

Concorda com a realização e gravação desta entrevista?

---

*(Assinatura da entrevistada certificando que o consentimento informado foi dado verbalmente pela inquirida)*